



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



**ARAWANI TAPIRAPÉ
(AWAGATO)**

**AS FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS QUE OCORREM NOS ESPAÇOS
SAGRADOS DAS COMUNIDADES APYÃWA-TAPIRAPÉ**

**BARRA DO BUGRES-MT
2024**

ARAWANI TAPIRAPÉ
(AWAGATO)

**AS FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS QUE OCORREM NOS ESPAÇOS
SAGRADOS DAS COMUNIDADES APYÃWA-TAPIRAPÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino

Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Dra. Eunice Dias de Paula-Kato'ywa

BARRA DO BUGRES-MT

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Tapirapé, Arawani.

AS FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS QUE OCORREM NOS ESPAÇOS
SAGRADOS DAS COMUNIDADES APYÃWA-TAPIRAPÉ / Arawani Tapirapé. -
BARRA DO BUGRES, 2024.

72f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: EUNICE DIAS DE PAULA.

1. POVO APYÃWA-TAPIRAPÉ. 2. LÍNGUA APYÃWA. 3. CONHECIMENTOS
SOCIOLINGUÍSTICOS. I. PAULA, EUNICE DIAS DE. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 376

ARAWANI TAPIRAPÉ

“AS FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS QUE OCORREM NOS ESPAÇOS SAGRADOS DAS COMUNIDADES APYÃWA-TAPIRAPÉ”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 15 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Eunice Dias De Paula
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Orientadora



Documento assinado digitalmente
LUCIMAR LUISA FERREIRA
Data: 17/05/2024 14:22:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Examinadora Interna



Profa. Dra. Maristela Sousa Torres
Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/ MT
Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo ao povo Apyãwa-Tapirapé, especialmente a minha família.

À minha mãe-api Iparexagato Tapirapé,

À minha esposa Cristiane Mareaxigi Tapirapé,

Às mulheres da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me ensinado os valores da vida, e por terem me orientado a caminhar no caminho certo. À minha mãe Iparegato, que sempre incentivou para que pudesse seguir com meu estudo, pelo amor que ela sente pela minha pessoa e, principalmente, por acreditar neste sonho junto comigo. A meu pai, Wereina que nunca mediu esforço para cuidarem da nossa família, e também sempre me apoiou no meu estudo. Sem vocês, eu não conseguiria chegar no lugar onde estou. Muito obrigado por tudo e por tanto! Meu Amor por vocês é eterno.

À minha família, pelo amor, pela confiança e pelo companheirismo. De modo especial, quero agradecer a minha esposa Cristiane Mareaxigi pela paciência e por estar sempre ao meu lado, a minhas filhas Ko'axowi Tapirapé, Xowa'i Tapirapé e Mone'i Tapirapé, vocês são a razão das minhas conquistas. Amo vocês.

À minha orientadora, Professora Dr^a Eunice Dias de Paula (Kato'ywa), pela orientação prestada, pelo seu incentivo, e principalmente pela paciência. Agradeço também pelas sugestões e contribuições durante a minha pesquisa. Obrigado pela confiança e pelo apoio. Grato por tudo.

Aos professores indígenas e colegas do curso do PPGECEII da Unemat, por todo conhecimento compartilhado durante o curso de Mestrado, além de incentivo e apoio que sempre demonstraram no grupo.

Ao meu primo professor Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, pelo incentivo, e pelas fotografias cedidas para realização deste trabalho e pelo apoio técnico na elaboração do Produto Pedagógico. Muito obrigado!

A minha cunhada e professora Narubia Silva Wahuri pela sua contribuição na realização deste sonho. Obrigado por tudo.

Aos entrevistados, sábios Wario Tapirapé, Maxaja Tapirapé e Xakareo'i Tapirapé pelas informações prestadas. Sem esses conhecedores não seria possível concluir este trabalho.

Não poderia deixar de agradecer ao povo Apyãwa e também a todos professores do curso de mestrado intercultural, que de maneira direta ou indireta tornaram possível a realização deste presente trabalho. Quero aqui agradecer a todos pela amizade e companheirismo, pela paciência, atenção e apoio que me prestaram ao longo deste curso.

A todos o meu sincero agradecimento, muito obrigado!

MARAGETÃ MAATOREJXEÃWA

'Ã ywyrabe pe te'omara kwaxiamatãta kwee wetepe axe'apeãwetyk, marygato ekwe wete'omara apaãwa akome'o inoga xe'ega re, myme xe'ega magyãwa re, a'ere xowe ikwaxiaãta inoga xerexaope Apyãwa ramõ, marygato ywyrabe pe xerexe'ega magyãwa re xapyykãwa aoxekato xanewe, xanereka ropi. Axekwe kwee xexe'apeãwa te'omara re, Apyãwa apito'ãkwera we inoga ikwaxiãta ywyrabe, marygato aoxekato ipyrowo ixema'eãjpe. Maryn kwee epewera re axe'apeãwetyk, 'ã ywyrabe ikwaxiaãta irota pitywera pyroãwyma ramõ, ixema'eãjpe emimagy ryma ramõ. A'era kwee emiga re wema'ẽwo ate'omat aga pe ikwaxiãta irota xerexaope Apyãwa xe'ega apyrepyrera mõ re, Takãripe, Takãwyteripe xe xe'ega imagypyra re, ipoenowakamatãta xerexaope ywyrabe imagetã pyra pe, axema'ema'e agỹ we xema'eãjpe ranõ. Emanynie ekwe a'e ramõ axema'ema'e agỹ ramõ xikwaãp ma'ema'e ywaripe, ipoenopa imanawo irekawo Apyãwa ramõ xerexeka ranõ. A'e ete ramõ 'ã xanexe'ega magyãwa ixeratyryki 'ota akawo, kwewe kwewe xepe. A'era mõ 'ã xete'omara pe itowi axekwaxiãta Apyãwa xe'ega re. 'Agã pe te'omara iapapyra a'e ramõ aoxekatoete imagywo pitywera we xema'eãjpe ipyroãwa ramõ, i'ywyrabe magetaãwa re, i'ywyrabe kwaxiaãwa re ranõ, xerexeka magyãwa re Apyãwa ramõ.

XE'EGETEA WYMA: Apyãwa xe'ega; Apyãwa reka; Teka re xapyykãwa; Xe'ega magyãwa maxywytyãwa.

RESUMO

Essa Dissertação tem como objetivo investigar e compreender a importância e a função da língua Apyãwa em diferentes espaços, como na Takãra - casa cerimonial, no pátio da Takãra e nos lugares sagrados, para manutenção e fortalecimento da sabedoria linguística e cultural do povo Apyãwa, contribuindo com a renovação e a formação de lideranças cerimoniais documentar os conhecimentos existentes e também aqueles que precisam ser mais praticados ou até mesmo os que não são mais praticados; identificar caminhos para a retomada das práticas sociolinguísticas e culturais da comunidade; demonstrar a importância da língua como meio fundamental para interação sociocultural para manutenção e movimentação de conhecimentos linguísticos da comunidade Apyãwa nas escolas. Contribuir com os estudos linguísticos aprofundando conhecimentos e deslocamentos linguísticos no cenário atual no Brasil, de modo especial, sobre a língua Apyãwa.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Apyãwa-Tapirapé; Língua Apyãwa; conhecimentos sociolinguísticos.

ABSTRACT

This Dissertation aims to investigate and understand the importance and function of the Apyãwa language in different spaces, such as the Takãra - ceremonial house, the Takãra courtyard and sacred places, to maintain and strengthen the linguistic and cultural wisdom of the Apyãwa people, contributing with the renewal and training of ceremonial leaders, as well as documenting existing knowledge and also those that need to be more practiced or even those that are no longer practiced. We seek to identify ways for the resumption of the community's sociolinguistic and cultural practices, demonstrating the importance of language as a fundamental means for sociocultural interaction and for maintaining and moving linguistic knowledge of the Apyãwa community in schools, thus contributing to linguistic studies, deepening knowledge and linguistic shifts in the current scenario in Brazil, especially regarding the Apyãwa language.

KEYWORDS: Apyãwa-Tapirapé people; Apyãwa Language; Sociolinguistic Knowledge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. HISTÓRIA DE UM MENINO QUE SE TORNOU UM PESQUISADOR.....	15
2. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO POVO APYÃWA.....	19
2.1 Língua Apyãwa.....	21
2.2 Lutas pela terra.....	22
3. FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS NOS ESPAÇOS SAGRADOS DO POVO APYÃWA	28
3.1. Takãra.....	28
3.1.1 A construção da Takãra.....	31
3.1.2 O ritual de Takãra Mamieãwa.....	33
3.1.3 A festa de Iraxao.....	35
3.1.4 A festa de Tawã ‘Cara Grande’.....	37
3.2 Takawytera: Local onde acontecem os rituais tradicionais	45
3.2.1 O ritual de Xepaanogãwa.....	47
3.2.2 O Tataopãwa.....	50
3.2.3 O ritual de nomeação.....	54
3.3 Takope	55
3.4 Os rituais e a Escola.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
CONSULTORES APYÃWA	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXO I – O PRODUTO PEDAGÓGICO.....	68
ANEXO II – MITO DE ORIGEM DO POVO APYÃWA.....	69

INTRODUÇÃO

A *Takãra* é a casa cerimonial dos Apyãwa (Tapirapé), onde são realizados nossos rituais. É também considerada o local onde moram os *Axyga*, espíritos que vêm morar nesta casa durante a realização de nossas cerimônias.

No pátio que fica em frente da *Takãra*, chamado de *Takawytera*, são realizados rituais e reuniões noturnas, com a participação dos homens adultos. Todas as noites, são discutidos assuntos que dizem respeito à vida dos Apyãwa.

Neste espaço, são utilizadas linguagens especializadas proferidas pelos donos dos rituais em comunicação com os seres cosmológicos, pelo mestre de cerimônias e pelo conjunto dos homens Apyãwa.

O estudo dessas linguagens é de suma importância para o nosso povo, pois, através do espaço da *Takãra*, criamos mecanismo na manutenção dessas linguagens que são necessárias para a sobrevivência da nossa cultura.

Esta pesquisa dará a contribuição para a juventude saber da importância do espaço da casa cerimonial *Takãra*, uma vez que será utilizada para fortalecer a cultura e a língua, mostrando o conhecimento das linguagens especializadas para os jovens. Os resultados desta pesquisa serão disponibilizados aos estudantes apyãwa especialmente aos alunos da Escola Estadual Indígena Tapirapé, que, assim poderão acessar este conhecimento necessário para a manutenção da nossa cultura.

Os objetivos desta pesquisa são ensinar e valorizar as práticas linguísticas e culturais do povo Apyãwa, sobretudo, as que são desenvolvidas no espaço da *Takãra*. Dessa forma, daremos continuidade fortalecendo as práticas linguísticas na comunidade, mostrando, também, a importância que a linguagem especializada tem para o nosso povo Apyãwa, contribuindo com a renovação e a formação de lideranças cerimoniais das futuras gerações.

Esta pesquisa teve os seguintes objetivos específicos: investigar e analisar a língua Apyãwa usada na *Takãra*, no pátio da *Takãra* e nos lugares sagrados; documentar os conhecimentos existentes e também aqueles que precisam ser mais praticados ou até mesmo os que não são mais praticados; identificar caminhos para a retomada das práticas sociolinguísticas e culturais da comunidade; demonstrar a importância da língua como meio fundamental para interação sociocultural para manutenção e movimentação de conhecimentos linguísticos da comunidade Apyãwa nas escolas e contribuir com os estudos linguísticos aprofundando conhecimentos e deslocamentos linguísticos no cenário atual no Brasil, de modo especial, sobre a língua Apyãwa.

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa etnográfica. Segundo André (2003), os etnógrafos têm interesse em fazer a descrição da cultura, práticas culturais, linguagens, tradição, valores e significados de um povo. Dessa forma, buscamos ter conhecimento da linguagem utilizada nesses espaços através de visitas, registrando os acontecimentos nos dias de cerimônias-rituais, através de filmagens e gravações. As entrevistas com os sábios da comunidade, referências vivas de nossa cultura e de nossa língua, também foram fontes valiosas para entender as linguagens especializadas. As conversas com os sábios foram de forma de uma conversa livre enquanto eu anotava no meu caderno de pesquisa. Preferi não usar gravador para que eles se sentissem mais à vontade.

Foram analisadas as produções bibliográficas sobre as práticas sociolinguísticas e culturais Apyãwa como Paula (2014) e obras dos próprios pesquisadores Apyãwa, como Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2020) e Iranildo Kaorewygi Tapirapé (2020), que cursaram o mestrado em Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás, UFG e Nivaldo Korira'i Tapirapé (2022) que defendeu sua Dissertação no PPGECH/UNEMAT. Outra obra que narra o ciclo ritual dos Apyãwa é o TCC de Waraxowoo'i Maurício Tapirapé (2009). Esses autores trouxeram boas contribuições para a comunidade Apyãwa, as quais são importantes e foram utilizadas como referências bibliográficas, considerando que são visões diferentes das de um pesquisador não pertencente a esse povo. Como referencial teórico para analisar as falas rituais, utilizei o conceito de eventos de fala elaborado por elaborado pelo linguista Dell Hymes (1974). Segundo este autor, quando se estuda um evento de fala é preciso levar em consideração o contexto em que o evento ocorre: quem fala, o que fala, para quem fala, em que condições fala, com que intenções fala, são determinantes para a compreensão do que está sendo falado. Os eventos de fala ocorrem dentro de uma determinada cultura e numa língua específica. Desse modo, a língua e a cultura não estão separadas.

A princípio, esta pesquisa é de grande importância na manutenção e no fortalecimento sociolinguístico e cultural do povo Apyãwa-Tapirapé. Neste contexto, pesquisei a linguagem utilizada nos rituais proferidas em língua Apyãwa e no contexto da cultura Tapirapé. Os principais espaços desta pesquisa foram na casa cerimonial denominada "Takãra" e no pátio da mesma, que adquire um relevante papel sendo uns dos espaços centrais para manutenção e fortalecimento da sabedoria do povo Apyãwa-Tapirapé, além de contribuir com a renovação e a formação de lideranças cerimoniais tradicionais. Do mesmo modo, analisamos Takawytera, que é o terreiro da Takãra, local onde acontecem a maioria dos rituais do povo Apyãwa. Takope, o terreiro das casas também foi considerado como um espaço privilegiado para a realização de alguns rituais.

Esta pesquisa reforçará a continuidade dos trabalhos desenvolvidos na escola junto com as crianças e jovens Apyãwa-Tapirapé, apoiando a iniciativa das práticas sociolinguísticas e culturais na comunidade, como explica o pesquisador Iranildo Kaorewygi Tapirapé (2020, p. 43):

Dependendo dos temas contextuais estudados, o maior número de conhecimento é obtido com os sábios das nossas comunidades, uma vez que eles são verdadeiros guardiões dos saberes sociais, culturais e linguísticos do nosso povo. Atualmente, buscamos adquirir e aprender os conhecimentos com eles justamente, para atualizar o seu papel de transmitir os conhecimentos para os jovens e crianças das nossas comunidades em diferentes âmbitos e contextos sócio-educativos.

Segundo o meu finado bisavô *Taywi* Tapirapé, “desde os seus surgimentos a superfície terrestre, os *Apyãwa* têm se beneficiado do costume de aprender os conhecimentos observando, ouvindo e experimentando as atividades sociais e culturais desenvolvidas pelos seus pais e avôs desde crianças em distintos contextos de vivências no e com o mundo.

Este projeto justifica-se também pela necessidade de compreender melhor linguagem utilizada nos rituais Apyãwa, já que existem poucos materiais didáticos escritos em nossa língua sobre esses conhecimentos milenares. A demanda em ter material didático específico nas escolas indígenas ainda é grande.

Ter materiais didáticos escritos em língua indígenas com temas específicos é ter segurança nas atividades e mais chance de oferecer aprendizagens aos nossos alunos. As crianças se sentem mais à vontade para estudar quando os assuntos têm a ver com suas realidades.

É isso que me motiva a lutar pela produção de material didático e específico. É neste sentido que busco desenvolver nesta pesquisa, com a proposta de elaborar material didático específico sobre a visão de mundo Tapirapé e de suas regras sociolinguísticas, focando sempre em colaborar com o ensino nas escolas Apyãwa-Tapirapé.

Desta forma, buscamos estudar analisando o olhar do Apyãwa sobre a vida e sobre o conhecimento que está na língua, uma vez que a necessidade do fortalecimento da linguagem especializada e os conhecimentos nela existentes são de interesse de todos os Apyãwa-Tapirapé. No primeiro Capítulo, apresento a trajetória de vida pessoal e acadêmica, mostrando como os estudos contribuem para a minha prática docente. No segundo Capítulo, apresento o contexto histórico e social do meu povo Apyãwa, destacando como a luta pela terra contribuiu para a demarcação de dois territórios, a Área Indígena Tapirapé-Karajá e a Terra Indígena Urubu Branco. No terceiro Capítulo, apresento os três locais onde se realizam os rituais do povo Apyãwa: a Takãra, a grande casa cerimonial; Takawytera, terreiro da Takãra e Takope. Apresento também o meu Produto Pedagógico que foi elaborado em forma de vídeo, com a

colaboração de Waraxowoo'i Maurício Tapirapé. Este vídeo mostra alguns rituais do povo Apyãwa e é muito importante porque nele aparece as vestimentas e as músicas próprias de cada ritual. Assim, é um material de extrema importância pedagógica para os estudantes das aldeias que não possuem Takãra, como é o caso da minha aldeia Majtyritãwa. Ele vai facilitar o aprendizado das músicas, das danças e das indumentárias de cada ritual, além de permitir que os estudantes se apropriem das regras de cada cerimônia que é realizada na Takãra.

Capítulo 1

HISTÓRIA DE UM MENINO QUE SE TORNOU UM PESQUISADOR

Eu me chamo Awagato, pertenço ao povo Tapirapé, moro na aldeia Majtyritãwa na T.I Tapirapé/Karajá, no município de Santa Terezinha, MT. Sou professor, liderança e mestrando pela Unemat, também sou casado, minha esposa se chama Cristiane Mareaxigi Tapirapé, tenho três filhas, a mais velha se chama Thaís Ko'axowi, ela tem 7 anos, Amanda Xowa'i tem 5 anos e Camila Mone'i tem 3 anos.

Começarei contando como foi a história da minha origem, mas, lembrando que meus avôs paternos e maternos não estão mais entre a gente. Meu avô paterno se chamava Xawaraxowa Tapirapé, era casado com minha avó Tahanaru Karajá e meu avô materno se chamava Awarao Tapirapé e era casado com minha avó Taiba Karajá.

Porém, muito antes desses casamentos, os meus avôs foram casados com as mulheres tapirapé, Xawaraxowa foi casado com a Tamanaxowoo, morta por ataques do povo Kayapó, quando os Apyãwa ainda moravam na região da serra do Urubu Branco, eles não tiveram filhos. Por outro lado, meu finado avô Arawao foi casado três vezes com mulheres apyãwa, primeiro com Ataxowoo, depois com Mareapawygi, desses primeiros casamentos eles não tiveram filhos. Somente mais tarde meu avô se casou com a mulher que se chamava Mikato, eles tiveram dois filhos juntos e tinha um enteado. Então, desse casamento vieram os meus tios Xawara'yroo e Paxepytygi e meu finado tio que se chamava Warini e que morreu de covid-19.

Por volta da metade do século passado, com a intensidade dos ataques do povo Kayapó na região do Urubu Branco, o povo Apyãwa teve que abandonar o território tradicional. Então, o restante do povo Apyãwa que tinha escapado dos ataques veio se refugiar na margem do rio Araguaia, na aldeia Itxala do povo Karajá, onde eles viveram por muito tempo. Nesse período, eles acabaram conhecendo suas futuras esposas que viriam se tornar nossas avós.

Então, desta forma, surgiu o casamento interétnico entre os dois povos, eles se conheceram e depois se casaram e tiveram filhos. Meus avós Awarão e Taibá tiveram seis filhos, sendo três meninos e três meninas. O meu tio mais velho se chamava Oparaxowi, ele se suicidou muito jovem, enquanto Iakyma morreu afogado ainda criança. A minha guerreira *api*, minha mãe Iporexagato, é a segunda filha do casal hoje com 54 anos de idade. Depois dela, nasceram minhas tias Morokoto, Ārapa e por último, nasceu o meu tio Rael Xako'iapari. A minha avó Taibá também era casada antes de conhecer o meu finado avô. Então, desse primeiro casamento ela teve quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres. São meus tios

mais velhos e se chamam Awarawyga e Makorawygi e as minhas tias se chamam Kualaru e Marixiru.

Da parte do meu avô paterno, eles tiveram cinco filhos, sendo três homens e duas mulheres. A minha tia mais velha se chamava Maixá e ela foi assassinada quando morava na aldeia Krehawã-São Domingos, no município de Luciara-MT, deixando 4 filhos. Depois dela, nasceu minha outra tia que chamava Ixenahiru, que também nos deixou há pouco tempo, por problema de saúde na aldeia Tapi'itãwa. O meu herói *xeropy*, meu pai Wereina, é o terceiro filho do casal hoje com 63 anos de idade, depois nasceram meus tios Boromyxiwe e Maxirapã.

Então, dessa forma, os meus pais também se conheceram e se casaram, eles tiveram 7 filhos, sendo cinco mulheres e dois homens. A minha irmã mais velha se chama Mana'yri, ela é professora e tem quatro filhos; depois dela, nasceu Koxapa, ela é acadêmica da UNEMAT e tem três filhos; a minha outra irmã Nuidjaki está concluindo o ensino médio, ela tem três filhos. Depois, veio a minha irmã Tamanaxowa, ela é professora e mestranda pela UNEMAT, ela tinha três filhos, mas com a perda de um, ficaram apenas dois filhos, e depois veio meu único irmão Korinaka'i, ele é acadêmico de enfermagem pela UNOPAR e tem dois filhos. Somente alguns anos mais tarde, nasceu o guerreiro da família, eu, hoje tenho 28 anos e, por último, nasceu a minha irmã caçula Moo'i, ela faz curso de técnico de enfermagem e tem dois filhos.

Desta forma, no ano de 1994, nasceu o guerreiro na aldeia Orokotãwa, uma das primeiras aldeias do povo Apyãwa na região do município de Santa Terezinha, MT. Quando eu nasci, meus pais colocaram o nome de Konomiatã, nome dos meus antepassados. Quando eu era criança, o povo Apyãwa fundou uma outra aldeia que passaria a se chamar de aldeia Majtyritãwa, a maioria das pessoas que moravam naquela aldeia se mudaram para essa nova aldeia.

Então, a minha família resolveu não ir junto com o povo e fizeram uma pequena aldeia próximo do rio Tapirapé que se chamava aldeia Hawalorá. Segundo meus pais, moramos lá por três anos, lembro que nessa aldeia não tinha escola e posto de saúde. Então, nesse tempo, meus irmãos mais velhos tinham que ir todos os dias na aldeia nova para estudar. Eles contam que foram tempo difíceis porque não existia transporte escolar. Passei a metade da minha infância nessa aldeia, lembro que a gente tomava banhos todos os dias no rio, a gente pescava e brincávamos com meus primos que iam nos visitar.

Moramos lá por alguns anos e, quando o esposo da minha tia foi morto pelo raio no ano 2000, a minha família decidiu deixar aquela aldeia. No mesmo ano, a gente se mudou para a

aldeia Majtyritãwa onde moramos atualmente. Antes de a gente se mudar para esse novo local, eu não conhecia essa aldeia. Quando cheguei lá, me impressionei por causa do tamanho da aldeia, era enorme e a gente não conhecia as outras pessoas que moravam lá.

Foram alguns anos para nos adaptar nesse novo espaço. Com sete anos de idade, fui matriculado e passei a frequentar, pela primeira vez, a escola, a antiga Escola Estadual Indígena Tapirapé, lembro que tinha vários alunos na escola, estudei com a mesma turma até a 5ª série e, todos os dias, a gente brincava com outras crianças e comia merenda, todos os dias eram assim, a gente comia peixes, carne de caça e alimentos da roça.

No início, não me importava muito com o estudo, eu ia para a escola somente para brincar com meus amiguinhos e, quando fui crescendo, fui entendendo as coisas, também me tornei *xyre'i'i* (ritual no qual acontece a mudança de fase de criança para adolescente) e tive que mudar de nome, então, passei a me chamar Arawani, o nome que ficou registrado no documento. Com isso, tive que mudar o comportamento e comecei a focar mais no estudo, sempre tive apoio dos meus pais durante o meu estudo. Eles sempre incentivavam a gente para continuar estudando porque acreditavam que, através dos estudos, poderíamos ser pessoas independentes e que poderíamos ter uma condição melhor quando a gente crescesse.

Fiz algumas amizades na escola, estudei junto com a minha turma até a o 5º ano do ensino fundamental, quando algumas famílias que moravam na aldeia decidiram se mudar e fundar uma outra aldeia, na antiga aldeia Tytemã, hoje a atual aldeia Hawalora, localizada a 2 km da nossa aldeia. Fiquei muito triste com a partida dos meus colegas quando eles foram embora, mas não podia fazer nada para impedir. O ano se passou e eu continuei estudando. Lembro também que, nesse tempo, os professores de 5º a 8º ano eram apenas os não indígenas, pois, nessa época, não havia professores formados para ocupar as vagas, então, tinha que contratar professores de fora. No início, foi difícil porque eu não sabia falar a língua portuguesa até aos meus 12 anos de idade, mas, aos poucos fui aprendendo algumas palavras e fui perdendo a timidez. Ao longo dos anos, fui praticando a língua portuguesa na sala de aula. Mas, a gente nunca usava a língua portuguesa fora da escola, porque, para nós era estranho.

Nessa mesma época, em 2007, foi aberto o curso de licenciatura intercultural da Universidade Federal de Goiás, UFG, esse curso era para formar professores indígenas em nível superior, então, muitos professores foram aprovados na primeira turma e também em outras turmas que viriam depois. Então, vendo as pessoas se formarem na faculdade, isso despertou meu interesse para correr atrás do meu sonho e sabia que eu também conseguiria chegar lá e foi assim que continuei seguindo com meu estudo.

Com muita dificuldade, consegui concluir o ensino fundamental e, no ano seguinte, em 2010, entrei no ensino médio. Fiquei três anos fazendo ensino médio na mesma escola, consegui concluir em 2012. Nessa mesma época, conheci a minha futura esposa na aldeia Tapi'itãwa, namoramos por um ano a distância. No mês de junho de 2013, a gente se casou, foi o dia mais feliz da minha vida. Nosso casamento aconteceu durante a festa tradicional do Xiwewexiwewe que acontecia em Tapi'itãwa.

No mesmo ano, me inscrevi para participar da seleção de vestibular indígena da Universidade Federal de Goiás, a prova foi realizada na cidade de São Félix do Araguaia, há mais de 200 km da minha aldeia. Fiz a minha primeira participação na seleção e consegui ser aprovado logo na primeira tentativa, Toda a minha família ficou feliz com o resultado. No ano seguinte, em 2014, fui realizar a minha matrícula na capital em Goiânia. Então, desta forma, iniciei a minha graduação no Campus Samambaia, no núcleo Takinahaky de formação superior de professores indígenas. Lá encontrei vários povos com diversidades culturais, estudamos juntos por cinco anos, a nossa turma era formada por 60 acadêmicos, com doze etnias diferentes de cinco Estados do Brasil.

No ano de 2015, nasceu a minha primeira filha na cidade de Confresa, Ko'axowi. Foi uma experiência única, adquiri muitos conhecimentos com a chegada da minha filha, sofri porque tive que ajudar a minha esposa para cuidar da minha filha, mas tudo valeu a pena. Com o nascimento da minha primeira filha, também tive que mudar de nome e hoje me chamo Awagato. Depois, no ano de 2017, nasceu a minha segunda filha, Xowa'i, escolhi o nome da minha mãe para colocar nela.

Enquanto no estudo continuei seguindo, sempre tive o apoio da minha esposa, isso me ajudou a seguir em frente. Concluí a minha graduação no ano de 2018 e a colação de grau foi no ano seguinte, 2019. Fiz novas amizades e mantenho contato até hoje com algumas pessoas que conheci na faculdade. Tive experiências incríveis ao lado de pessoas maravilhosas que levarei para o resto da vida.

Na vida profissional, trabalho na Escola Indígena Estadual Tapirapé desde o ano de 2013. No início, fui convidado para trabalhar no lugar da professora titular que tinha se afastado do serviço, pois estava de licença maternidade. No ano seguinte, me contrataram para ser professor titular, fiquei na sala de aula por mais dois anos, 2014 e 2015, depois assumi a secretaria da escola por mais dois anos, 2016 e 2017 e, por fim, assumi a coordenação por um ano, em 2018. Depois de concluir a minha graduação, voltei para a sala de aula, em 2019, e atualmente, estou ocupando o cargo de Diretor escolar. Tive várias experiências ao longo desta jornada, aprendi muitas coisas com meus alunos e com os outros

professores desta unidade.

Portanto, a minha vida acadêmica não parou, no ano de 2021, preparei o meu pré-projeto para participar da seleção de mestrado na Universidade Federal de Goiás, UFG, mas, por motivo de preservar a saúde da minha família por causa do covid-19, não viajei pra Goiânia para realizar a prova. No ano seguinte, em 2022, saiu o edital do mestrado intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, então aproveitei e organizei meu pré-projeto para participar desta seleção. Eu me inscrevi e realizei a prova, consegui ser aprovado outra vez na minha primeira tentativa. Foi um dia histórico para minha comunidade, fiquei super feliz com o resultado, todos as pessoas que eu conhecia ficaram felizes por mim.

Desta forma, entrei para o mestrado na Unemat. No início, encontrei muita dificuldade porque a gente recebia muitas informações em pouco tempo, também conheci outras pessoas que aqui estão juntos estudando. E vamos continuar estudando até alcançar os nossos objetivos que é concluir o mestrado todos juntos. Assim poderemos melhorar nossas práticas de ensino e buscar mecanismos para ajudar a nossa comunidade em outras demandas.

Seria o ano perfeito se não tivesse acontecido algo que mexeria tanto com a estrutura da minha família. O ano de 2022, ficou marcado também pela história que mudaria totalmente as nossas vidas, pois no mês de junho deste ano perdemos uma pessoa muito querida, o meu sobrinho Awaxowa, de 4 aninhos, ele tinha problema de saúde e não resistiu por complicação da doença.

É difícil falar dessa situação, a saudade machuca a gente, mas, aos poucos, tentamos seguir com a vida. No momento desse acontecimento, pensei em desistir do meu mestrado, pois não tinha tempo para pensar e escrever os trabalhos que o mestrado exigia da gente. No entanto, nunca estive sozinho, tive apoio de professores e amigos para não desistir, assim consegui me levantar e ser forte, hoje estou aqui na luta, pretendo concluir e realizar o meu sonho de ser o primeiro mestre da minha Escola para que assim eu possa contribuir e ajudar o meu povo. Agradeço a todas as pessoas que estão junto comigo nesta batalha.

Capítulo 2

CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO POVO APYÃWA

Somos o povo Apyãwa, assim nos autodenominamos, porém, somos conhecidos como povo Tapirapé, como somos chamados pela sociedade *maira* “não indígena”. Somos um povo do tronco Tupi-Guarani, nossa população está em torno de 1000 pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE 2022. Atualmente vivemos em duas áreas indígenas situadas no estado do Mato Grosso, a saber: a Área Indígena Tapirapé/Karajá e a Terra Indígena Urubu Branco.

A Área Indígena Tapirapé/Karajá está localizada na foz do rio Tapirapé, afluente do rio Araguaia, abrangendo terras dos municípios de Santa Terezinha e Luciara, no estado de Mato Grosso. Sua extensão é de 66.166 hectares, demarcada, homologada e registrada em cartório. A Terra Indígena Urubu Branco, denominada pelo povo Apyãwa de Yrywo'ywãwa, literalmente, com a tradução ‘bebedouro de urubu branco’, tem a extensão de 167.533 hectares e está situada entre os municípios de Santa Terezinha, Porto Alegre do Norte e Confresa-MT. Também é demarcada, homologada e registrada em cartório.

A maior parte da população Apyãwa, está localizada na Terra Indígena Urubu Branco, onde está distribuída em oito aldeias: Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Wiriaotãwa II e Inataotãwa. Deste total, uma parte da população vive em uma outra aldeia chamada Majtyritãwa, na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, onde também estão duas aldeias do povo Iny, chamadas Itxala e Hawalora.

No Mapa 01, podemos ver estas duas terras indígenas, bem como o Parque do Araguaia, na Ilha do Bananal e outras terras indígenas, a Krenheré, do povo Maxakali e Marãiwatsédé, do povo Akwe Xavante. A Terra Indígena São Domingos, no município de Luicara, MT, pertence também ao povo Iny

Mapa 01: Terra Indígena Urubu Branco e Área Indígena Tapirapé e Karajá



Fonte: www.funai.gov.br

Acesso: 22.12.2023

2.1 A língua Apyãwa Tapirapé

De acordo com a classificação de Rodrigues (1986), a língua tapirapé pertence ao subconjunto IV da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi. O povo Apyãwa ainda mantém sua língua e cultura, mesmo sofrendo influências externas através do contato com outras culturas. Com o uso de novas tecnologias e objetos de outras culturas, o povo Apyãwa fica preocupado com a adoção das palavras em português. Dessa forma, os professores resolveram pesquisar sobre esse tema, junto com os alunos do ensino fundamental e criaram expressões próprias da língua apyãwa para nomear os empréstimos culturais, por exemplo, para a palavra bola, foi criada a palavra *kojapa'axiga*. Aproximadamente, 300 palavras novas foram criadas na I

Convenção da Língua Apyãwa, realizado junto com a comunidade em maio de 2010. Algumas palavras foram recuperadas, pois não estavam sendo mais usadas, como é o caso de *ywakapiãwa* ‘foguetes’. Essas palavras foram reunidas no livro *Xe’egyao*, publicado pela Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa em 2010.

A língua apyãwa, assim como muitas outras línguas, vem sofrendo alterações ao longo dos tempos. No caso da língua feminina e masculina, havia e há algumas palavras e expressões que eram usadas apenas pelos homens e outras pelas mulheres apyãwa.

Para Koxamaxowoo Tapirapé e Mônica Cruz (2019), a distinção entre as falas masculina e feminina, vem sofrendo neutralização, em detrimento da fala feminina. Ressaltamos que tanto a fala dos homens quanto a fala das mulheres são significativas para o povo Apyãwa/Tapirapé. São parte da cultura e identidade étnica Apyãwa, por isso, é importante que seja valorizada e preservada pelas futuras gerações, como comenta o professor Waraxowoo’i Maurício Tapirapé (2022, p. 80):

E por meio do desenvolvimento sustentável da nossa política linguística dentro da aldeia, junto com a comunidade, nós, como o povo Apyãwa/Tapirapé, sempre buscamos um meio de ensino para lutar pela qualidade da educação. Os métodos que utilizamos nas oficinas, ou nos seminários, são: discutir as criações de novas palavras entre os professores, socializar a criação de novas palavras com a comunidade; ensinar os conhecimentos na sala de aula, avaliar a situação de uso da língua em relação aos processos de formação de novas palavras, observar; pesquisar, incentivar o uso das novas palavras; contribuir e compartilhar a responsabilidade de trabalhar o uso da nossa língua materna na escola e na comunidade. Como resultados, esperamos envolver todo o povo Apyãwa nas atividades, defendendo a vida da nossa língua, pois essa política linguística foi aceita pela comunidade Apyãwa com muito sucesso na oralidade e na escrita para fortalecer o uso da nossa língua materna, evitando a entrada da língua portuguesa na comunidade.

Atualmente, todas as pessoas do povo apyãwa são falantes bilingues, tanto na sua língua materna quanto na língua portuguesa, alguns apyãwa são trilingues, falantes da língua Iny, Apyãwa e português, que é o caso de alguns moradores da aldeia Majtyri.

2.2 Lutas pela terra

Segundo Paula (2014), os Apyãwa, passaram por um período de grande perda populacional, vitimados por moléstias para as quais não apresentavam anticorpos, como gripes, pneumonia, varíola, sarampo. Através dos contatos com não indígenas e outros povos indígenas fizeram que o povo Apyãwa contraísse essas doenças, como afirma Paula (2014), em sua pesquisa:

Os missionários dominicanos radicados em Conceição do Araguaia, PA, realizavam visitas esporádicas à Tapi'itãwa levando roupas, facões, machados e miçangas. Isto ajudava a atrair os remanescentes das outras aldeias que, vitimados pelas doenças e receosos dos ataques Kayapó, iam se concentrando em Tapi'itãwa, o que explica o maior tempo de permanência desta aldeia. À medida que as doenças iam dizimando as pessoas, os sobreviventes buscavam abrigo em Tapi'itãwa. Em 1939, Wagley testemunhou a chegada de 40 pessoas fracas e doentes vindas de Xexotãwa para se refugiar em Tapi'itãwa. (WAGLEY, 1988, p. 60. In: PAULA, 2014, p. 27)

Diante das doenças e dos ataques sofridos pelo povo Apyãwa, eles se espalharam e fugiram do seu território, Tapi'itãwa:

Depois de um destes ataques, particularmente violento, ocorrido em 1947, a população Apyãwa se dispersou. Uma família continuou morando escondida na região; um grupo seguiu o curso do rio Crisóstomo até chegar em Lago Grande, na beira do Araguaia em 1964 e a maior parte dos sobreviventes foi acolhida pelo Sr. Lúcio da Luz, criador de gado na região. O SPI conseguiu convencer esse grupo a se mudar para a Barra do Rio Tapirapé, onde estava instalado o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres junto à aldeia Itxala, dos Karajá. Nesse período de tempo, podemos imaginar as enormes dificuldades enfrentadas pelos sobreviventes. O grupo maior, refugiado na fazenda de gado, ficou completamente à mercê da boa vontade do Sr. Lúcio da Luz e de seus empregados. Ele fornecia mandioca de sua roça aos Apyãwa. Certamente, as interações com os não indígenas aconteciam em Português e isso intensificou o uso da segunda língua. A utilização dos nomes próprios em Português também deve ter crescido neste período, pois embora recebessem esses nomes por ocasião dos batizados efetuados pelos missionários dominicanos, não há relatos tanto em Baldus como em Wagley sobre o uso social desses nomes. Por sua vez, a língua tapirapé devia ser falada somente entre eles. Os rituais também não podiam ser realizados, pois não havia a possibilidade da construção da casa cerimonial, a Takãra. O grupo familiar que se escondeu na beira de um afluente do Rio Gameleira também deve ter passado por terríveis provações, pois viveram isolados por 23 anos, acreditando que eram os únicos sobreviventes do povo. Quando eles foram reintegrados ao grupo maior, em 1970, o filho do casal já era adulto e havia passado toda sua infância e adolescência sem conviver com outros Apyãwa. (PAULA, 2014, p. 29)

Após o resgate de todos os Apyãwa que estavam perdidos e foram refugiados pelo Serviço de Proteção ao Índio, SPI, eles viveram juntos com o povo Iny-Karajá. Porém, os mesmos não se sentiam à vontade e resolveram se separar, construindo sua própria aldeia nominada como Orokotãwa.

Assim afirma Paula, 2014, p. 30:

Enquanto estavam vivendo junto com os Karajá, os Apyãwa se sentiam numa situação não muito confortável, pois não podiam realizar seus rituais ou construir suas roças, além do temor que sentiam em relação aos pajés Karajá. Estranhavam muito os costumes dos Karajá, especialmente o fato de dormirem em esteiras e de não fazerem roças grandes como as praticadas por eles. Ao contrário, os Karajá dedicavam muito tempo à pesca e coleta de mel e frutos silvestres e praticavam uma agricultura sazonal nas praias. Esses fatores certamente contribuíram para que fosse nascendo entre os Apyãwa a vontade de ter um espaço próprio, o que se concretizou

com a fundação de uma nova aldeia, distante cerca de 3 km do Posto do SPI e da Aldeia Itxala, denominada Orokotãwa, ‘Aldeia do Urucum’.

Após a construção desta nova aldeia, os Apyãwa se sentiram mais à vontade e com isso aconteceu a construção da Takãra, e assim retomaram os seus rituais. Os Apyãwa puderam realizar, a partir da decisão em fundar a nova aldeia Orokotãwa, a construção da Takãra e a retomada dos rituais e a abertura de roças.

Mesmo com a criação da nova aldeia, o território ainda não era demarcado e homologado, correndo assim o risco de perda ou de ocupação de invasores. E, com os avanços das fazendas, o território ia ficando cada vez menor, como descreve Paula (2014):

Passados pouco mais de dez anos nessa nova situação, com a vida se reorganizando, novamente os Apyãwa se defrontaram com uma nova e poderosa ameaça. Em meados da década de 60, grupos empresariais começaram a se instalar na região do médio Araguaia, implantando latifúndios agropecuários. A região até então habitada pelos Apyãwa, Karajá e ribeirinhos foi vendida pelo Estado de Mato Grosso a empresários do sul do país, o que gerou enormes conflitos pela posse da terra, não só entre índios e fazendeiros, mas também entre estes e os habitantes dos núcleos populacionais da beira do Araguaia. A terra ocupada pelos Apyãwa e Karajá foi vendida à Companhia Tapiraguaia, uma das fazendas que o grupo Medeiros, de São Paulo, comprou na região. A área da cidade de Santa Terezinha, bem como a zona rural, onde habitavam muitas famílias de posseiros foi vendida à Fazenda Codeara, do então BCN, Banco de Crédito Nacional. Um processo de desmatamento acelerado teve início para dar lugar às pastagens destinadas à criação de gado na região. Milhares de peões oriundos, sobretudo do Nordeste do país, foram arregimentados para realizar este serviço de derrubada das matas. Estes empreendimentos eram financiados pela SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, operacionalizando uma política de ocupação da Amazônia propugnada pelo regime militar que tinha como objetivo povoar a Amazônia: “no período do Milagre Econômico Brasileiro, nos anos 1970, o governo federal implementou seu Projeto de Integração Nacional (PIN), badalando o mesmo como uma oportunidade de oferecer ‘terras sem homens para homens sem-terra’” (PAULA, 2014, p. 36)

Até que as terras que ocupavam começaram a ser também ameaçadas pela Fazenda Tapiraguaia que queria “doar” ao nosso povo somente uma área irrisória, correspondente à medida de um dos lotes em que toda a região foi dividida no mapa pelo governo de Mato Grosso (cerca de 9000 ha.). Se isso se efetivasse, importantes áreas de mata, de pesca, de coleta e de caça ficariam de fora da demarcação, o que dificultaria sobremaneira a sobrevivência dos Apyãwa e também a vida sociocultural incluindo a língua, pois é o espaço físico que dá suporte para a vida de uma sociedade indígena, considerada em todos os seus aspectos (PAULA, 2012, p. 42). Os Apyãwa não aceitaram esta proposta e começaram a agir no sentido de conseguir uma área que lhes garantisse possibilidades de viver conforme seus costumes. Apoiados pela Prelazia de São Félix do Araguaia e pelo CIMI – Conselho

Indigenista Missionário, empenharam-se no processo de conquista da terra, fazendo picadas demarcando os limites da área pretendida, matando gado da fazenda que invadia a área e demandando junto à FUNAI para que esta cumprisse seu papel de garantir os direitos dos povos indígenas. Novas demandas foram surgindo como a necessidade de viajar até Brasília para dialogar com representantes da FUNAI. Após dez anos de luta, a área foi finalmente demarcada em 1983, homologada e registrada com o nome de Área Indígena Tapirapé-Karajá, porque, como citamos anteriormente, nela também havia as aldeias Itxala e Tytema, ambas do povo Karajá. Essa área possui 66.166 ha. e se encontra devidamente homologada e registrada no Cartório da União (PAULA, 2014).

Na memória histórica do povo os movimentos migratórios vivenciados pelos Apyãwa até a fixação na região da serra do Urubu Branco, lugar considerado bonito e com as matérias primas necessárias para a confecção de utensílios e artefatos como o barro para as panelas e o taquari para fazer as flechas, como consta no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Tapi'itãwa:

Nós, do povo Apyãwa, do tronco linguístico Tupi, andávamos em várias regiões do norte de Mato Grosso e Pará. Íamos ao Pará chegando até onde hoje é Conceição do Araguaia. Segundo os estudos de vários antropólogos (Baldus, Toral), nosso povo veio do litoral em direção ao centro do país, para fugir da escravidão imposta pelos colonizadores europeus. Isso foi uma forma de resistência. Temos em nosso vocabulário a palavra *paranyxigoo* que significa mar e isso reforça essa hipótese. De lá, nossos antepassados percorriam na direção sul, rumo ao Mato Grosso, vindo e voltando à procura de lugar com espaço suficiente e com fartura. Passaram no lugar que é hoje Vila Rica, que na época era uma aldeia, sem presença de nenhum “branco” morando naquela terra. A aldeia se chamava Maakotãwa, era outro grupo maior do povo Tapirapé, que se deslocou para chegar ao Urubu Branco onde os Tapirapé encontrariam lugar melhor para habitar. Outro grupo veio em direção ao rio Araguaia até chegar à Ilha do Bananal, onde moraram por um tempo junto com os Javaé. Depois, atravessaram o Araguaia e se estabeleceram na região do Urubu Branco. A maior parte da população direcionou-se para o território matogrossense, até chegar à região que futuramente seria conhecida como Urubu Branco, na qual habitaram por vários séculos. Chegando naquele local, todo mundo achou bonito, porque a aldeia perto da serra ficaria bonita. Por isso, imediatamente, os mais velhos saíram para a mata pesquisar os lugares que tinham materiais ligados a nossa cultura, como: argila para fazer pote, taquari para fazer as flechas. Todas as coisas que precisávamos havia naquele lugar. (PPP da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, 2009, p. 18)

A memória do território tradicional do Urubu Branco sempre estava presente e, assim, mesmo os Apyãwa, estando em um território demarcado, a Área Indígena Tapirapé-Karajá, não se sentiam inteiramente completos, tinham a necessidade de estar em seu território cultural e tradicional, onde seus ancestrais se encontravam. Pois, o nosso povo foi forçado a

se mudar da região da serra do Urubu Branco para a beira do rio Araguaia, depauperado tanto pelas doenças que os acometiam como pelos ataques desfechados por um grupo Kayapó:

Mesmo tendo essa área demarcada, os Apyãwa não se esqueciam do seu território tradicional localizado na serra do Urubu Branco. Ao organizar expedições para coleta do taquari, uma taquara fina, apropriada para se fazer flechas e que só é encontrada nessa serra, puderam ir acompanhando a paulatina ocupação de seu território pelas mesmas fazendas de gado que se instalaram em toda a região nordeste de Mato Grosso. Uma dessas fazendas, a Frenova, pertencia ao mesmo grupo Medeiros, dono da Fazenda Tapiraguaia, com quem haviam se confrontado durante o processo de demarcação da Área Indígena Tapirapé-Karajá. Numa das excursões que faziam anualmente ao local perceberam que as áreas de antigos cemitérios estavam sendo violadas pelos tratores das fazendas que estavam derrubando as matas para implantar pastagens. Os Apyãwa mantem o antigo costume, já relatado entre os Tupi do séc. XVI, de enterrar seus mortos dentro das casas. Mesmo decorridos cerca de 30 anos desde a dispersão do povo, os mais velhos sabiam exatamente onde eram os locais das antigas aldeias, especialmente Tapi'itãwa e também onde ficavam as casas. Em 1991, durante uma excursão à região da serra do Urubu Branco promovida pela Escola, presenciamos uma verdadeira aula de história: um senhor que vivera na antiga Tapi'itãwa quando rapazinho, explicou detalhadamente aos alunos onde ficava cada casa, a Takãra e a sepultura das mulheres que foram mortas pelos Metyktire em 1947. (PAULA, 2014, p. 39)

Após esse processo de lutas pelo território tradicional, os Apyãwa conseguiram recuperar seu território que foi demarcado e homologado. Assim afirma Paula, 2014, p. 40:

Ao presenciarem a violação das antigas sepulturas, ficaram indignados, pois esse ato representa um sacrilégio para eles, uma vez que revela o desrespeito aos mortos. Isto os levou a lutar de maneira decidida pela recuperação do território tradicional, sua demarcação e homologação. Em 1993, algumas famílias se mudaram para a região da serra do Urubu Branco, reconstituindo a antiga aldeia Tapi'itãwa. Hoje é nesta região que se concentra a maior parte da população, distribuída em sete aldeias.

Com a retomada do seu território tradicional, a maior parte do povo Apyãwa retornou para a terra Urubu Branco, mas algumas famílias permaneceram no território Tapirapé Karajá, como é o caso das famílias dos finados Xawaraxowa e do Awarao.

O processo de demarcação da Terra Indígena Urubu Branco não foi fácil, foi um processo que enfrentou muitos conflitos. Segundo Paula, 2014, p. 43:

O processo de demarcação da Terra Indígena Urubu Branco foi, à semelhança do que acontecera com a Área Indígena Tapirapé-Karajá, longo e conflituoso. No início da década de noventa, quando começou a se espalhar a notícia de que os Apyãwa estavam dispostos a voltar para a região da serra do Urubu Branco, forças políticas locais começaram a promover a ocupação da parte norte do que seria a terra indígena. Durante os trabalhos demarcatórios, na etapa das medições na área norte, o carro da firma que realizava os trabalhos foi queimado. Prefeito e deputados

acompanhavam as comissões dos ocupantes ilegais à Brasília para primeiro, impedir a volta dos Apyãwa; depois, para que a parte norte da área fosse retirada dos limites da Terra Indígena e ficasse de posse permanente deles. Em agosto de 2009, a FUNAI reiniciou novamente o processo de desintrusão, instalando um posto de fiscalização na região ocupada e mantendo equipes permanentes com a presença de alguns Apyãwa, com a finalidade de vigiar a área. Entretanto, atos de violência continuaram a ocorrer como: uma viatura da Funai foi incendiada; uma ponte que dá acesso à área foi queimada; o cacique de Tapi'itãwa sofreu um atentado quando se dirigia de moto à cidade de Confresa; o próprio posto da FUNAI sofreu um tiroteio colocando em risco a vida dos Apyãwa e dos agentes governamentais que lá se encontravam.

Através das lutas, os Apyãwa conquistaram seu território de origem, onde ali puderam se sentir completos, não só fisicamente, mas espiritualmente, com a ligação direta com os espíritos ancestrais de suma importância em seus rituais.

Apesar de todos os desafios que o povo Apyãwa-Tapirapé enfrentou ao longo de sua trajetória de vida, eles foram verdadeiros guerreiros, através de suas lutas e resistência, permaneceram vivos, preservando seus costumes, rituais e tradições. Uma das armas de resistências e preservação de sua cultura foi a língua, pois a língua é de extrema importância. pois através dela foram passados saberes e conhecimentos milenares de gerações e gerações e, principalmente, valores ancestrais. A língua também é importantíssima para a realização dos rituais, pois os cantos e as falas rituais somente podem ser ditos na nossa língua materna, como apresento no 3º. Capítulo.

Capítulo 3

FUNÇÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS NOS ESPAÇOS SAGRADOS PELO POVO APYÃWA

Neste capítulo vou descrever as funções linguísticas e sociais que acontecem nos espaços sagrados do povo Apyãwa, a saber, a Takãra, a Takawytera e Takope. Considero esses espaços como sagrados pois é neles que ocorrem a maioria dos rituais. Sem a presença deles, os rituais não podem ser realizados. Para analisar essas funções linguísticas e sociais, utilizamos o conceito de Etnografia da Fala elaborada por Dell Hymes (1974). Segundo este autor, quando se estuda um evento de fala é preciso levar em consideração o contexto em que o evento ocorre. Questões como: quem fala, o que fala, para quem fala, em que condições fala, com que intenções fala, passaram a ser consideradas. Dessa forma, todas as circunstâncias que acompanham uma fala são importantes para a compreensão do significado de um evento de fala, que, por sua vez, é produzida em uma sociedade culturalmente distinta, no caso, a sociedade Apyãwa. Ou seja, os eventos de fala acontecem a partir de uma determinada cultura e numa língua específica.

3.1. Takãra

A Takãra é uma grande construção feita no centro da aldeia Tapi'itãwa, coberta com materiais tradicionais como a palha da bacaba e as folhas de banana brava. É a nossa casa cerimonial pois é nela que são realizados os nossos rituais e é o local onde moram os *Axyga* 'Espíritos'.

Para TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga, (2020, p. 76), a

Takãra é a denominação de uma grande casa que é construída no centro da aldeia Apyãwa e possui uma estrutura em formato oval, com duas portas em cada uma das suas laterais. É uma casa com padrão diferente das demais construções Apyãwa, pois, vejo que, até hoje, é confeccionada nos moldes tradicionais, no que diz respeito tanto à sua forma quanto em relação ao material utilizado. Sua posição no centro da aldeia está relacionada com o nascer e o pôr do sol. As duas portas voltadas ao Kwarapaãwa “nascente do sol”, expressão Apyãwa que diz respeito ao lado leste, são mais utilizadas e é por elas que acontecem a entrada e a saída das pessoas e dos espíritos nos diversos rituais.

Imagem 01: A construção da Takãra



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022.

A Takãra é de extrema importância, pois é fundamental para o povo Apyãwa, é onde os meninos passam pelos rituais de passagem de menino para rapaz e onde podemos compreender as organizações sociais do povo Apyãwa e compreender sua ligação com os espíritos e cosmos. Segundo TAPIRAPÉ, Gilson, (2020, p. 77):

Segundo explicação cosmológica do povo, a Takãra, antes tudo, é a casa e o espaço de vivência dos Axyga “Espíritos”, como dizem os sábios, lugar de concentração de Xane'yga, Nossos Espíritos, os quais são representados pelo povo em rituais. Conforme a nossa cosmologia, são aqueles com os quais nós interagimos e coexistimos, de modo especial, durante todos os períodos de rituais. Importa, no entanto, frisar que, quando os Apyãwa dizem Xane'yga, não se trata de apenas Espíritos humanos, mas de todos os seres cosmológicos, uma vez que, segundo afirmação Apyãwa, o local é habitado por toda gente invisível do universo, inclusive Espíritos de pássaros, de animais, de peixes etc. Entre essa gente invisível estão os Axyg maryjxe ‘Espíritos perigosos’, aqueles para com os quais o povo tem o maior respeito, como Iraxao e Tawã, espíritos de guerreiros adversários mortos pelos Apyãwa, como Xyreni e Topaxo, considerados muito perigosos, pois existe uma narrativa histórica em que os mesmos aparecem como responsáveis pela morte de duas crianças.

Esse autor ainda apresenta em sua pesquisa o ponto de vista dos pajés sobre a Takãra:

no ponto de vista do Paxê, entendemos que a Takãra, apesar de ser uma casa muito grande, fisicamente, ainda é considerada um espaço muito pequeno, já que, em outras dimensões da vida, o mundo no seu interior é muito, muito maior, por ser um espaço que sustenta as numerosas moradas dos Axyga, aonde todas as sociedades sobrenaturais, segundo o Inamore, vivem em coletividades, sem necessidade de limitações de espaço. Como diz Inamore, “A'e mĩ ewĩ axamanyypãp 'ota tarywa rereka ramõ, aka mĩ a'egỹ tarywa re ranõ”: de certo modo, esta é a afirmação de que a vida nesta dimensão é repleta de alegria; todos, pois, interagem e se comunicam

entre si em uma única linguagem, que podemos chamar de ‘monolinguismo cosmológico’, por ser um padrão comunicativo dominado somente pelas comunidades invisíveis. (TAPIRAPÉ, Gilson, 2020, p. 78)

O professor Gilson Ipaxi’awyga Tapirapé (2020, p. 79) também destaca a importância da função dos pajés, pois só eles conseguem entender as relações espirituais e cosmológicas que acontecem na Takãra:

Isso reforça ainda mais que a Takãra é um espaço sagrado e que tem uma ligação direta com as cosmologias e um sistema de comunicações que giram em torno da espiritualidade, aquilo que ocorre por meio de sinais e manifestações simbólicas da natureza, por nós interpretados como linguagens cósmicas. (...) Trata-se, portanto, do diálogo comunicativo da natureza e do universo, que, por sua vez, só é entendido pelos Paxê, por terem forças espirituais capazes de dominar mundos sobrenaturais, além das linguagens cósmicas, através das quais eles (paxê) interagem com os espíritos da natureza e com o próprio universo. Isso tudo nos evidencia que para o Paxê nada é desconhecido no universo.

Do mesmo modo, a Takãra é um espaço essencial para a vida dos Apyãwa, pois só no espaço desta casa pode ocorrer a conexão dos Apyãwa com os Axyga:

Nesse sentido, entendemos que a Takãra é essencialmente importante e vital para a continuidade da relação e da harmonia do nosso povo com o mundo cosmológico. Importa, portanto, ressaltar que, a ausência dela pode afetar diretamente essa relação com a redução da conectividade com esses seres, obviamente, porque a natureza da harmonia e das conexões entre Apyãwa e os Axyga depende da Takãra. (...) Neste sentido, a Takãra, para nós Apyãwa, não é simplesmente uma casa, mas sim, um símbolo sagrado, regulamentado e padronizado a partir das nossas relações com o mundo dos Axyga. Ou podemos chamá-la de centro de conexões com os diversos mundos e saberes, já que ali coexistimos e nos mantemos em conexões com diferentes seres cosmológicos. (TAPIRAPÉ, Gilson, 2020, p. 79).

Entende-se que, para nós Apyãwa, a Takãra não é apenas uma casa no centro da aldeia, mas, sim, um espaço sagrado de muita importância e, através de sua existência entendemos como os seres do universo estão, de fato, integrados na nossa cultura, dando profundos significados ao nosso modo de ser e viver, através da Takãra. E os rituais que ali são realizados são rituais espirituais, sendo que apenas podem ser compreendidos pelos Paxê:

É importante, portanto, reafirmar que na Takãra há coisas existentes que só podem ser ditas e feitas ou compreendidas pelos Paxê, que são pessoas com as quais Axyga se comunica, como já mencionado. Isso fica evidente, quando o mestre Apyãwa diz: “Não sei o que poderia acontecer com a gente se mudasse, porque é a casa dos nossos espíritos”. Deste modo, não só buscamos cumprir e seguir suas normas, mas também buscamos entender segredos de interações e comunicações com o mundo sobrenatural no espaço, especialmente, na Takãra e na Takawytera. (TAPIRAPÉ, Gilson, 2020, p. 79)

Na imagem 02, podemos ver como se inicia a construção da Takãra, que é feita de um modo coletivo por todos os homens Apyãwa, é o momento em que são colocadas as grandes forquilha que sustentarão toda a estrutura da grande casa cerimonial. Também se pode observar as varas que chamamos de *pinanywa* que serão amarradas sobre o pau da cumieira, garantindo a forma ovalada da construção:

Imagem 02: Início da construção da Takãra.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022

3.1.1. A construção da Takãra

Segundos os entrevistados, a Takãra é uma casa grande que é construída pelos homens Apyãwa, a Takãra é construída no centro da aldeia. Para construir a Takãra, todos os homens Apyãwa se juntam na aldeia central, onde a Takãra será construída. Os materiais usados na construção são todos tirados da natureza.

Durante o trabalho da construção da Takãra, os homens se dividem em grupos. Desta forma facilita os trabalhos dos homens, cada grupo faz sua atividade, é um trabalho rápido que precisa de agilidade para cumprir de acordo com o tempo, para realizar as festas no período certo. O trabalho sempre é acompanhado pelas músicas tradicionais. Segundo o entrevistado Wario (José Pio Xywaeri Tapirapé), na sua colocação fala que, desta forma, a madeira fica mais leve, para ser carregada nas costas de cada pessoa. A construção da Takãra é trabalhosa, porque essa casa é bem grande, precisa de muitas madeiras e de muitas folhas de bacaba e de banana brava para cobrir essa casa, é uma tarefa difícil para os homens. Mas vale a pena construir essa casa tradicional, pois é um local onde os Apyãwa se sentem felizes.

Imagem 03: Conclusão da construção da Takãra



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022

Depois que a Takãra fica pronta, os pais dos meninos pintam os seus filhos, para ficarem como rapazinhos (xyre'i'i), entrando na primeira fase de iniciação masculina. Enquanto as outras turmas anteriores de Xyre'i'i passam para a segunda fase, que falamos de Xe'atowākaraãwa. Essa prática ocorre durante a realização da cerimônia de construção da Takãra, como explica o pesquisador Nivaldo Korira'i Tapirapé (2022, p. 59):

O menino a partir dos onze anos, ou melhor, na fase de *Awa'yao'i* – na primeira iniciação, ele começa a aprender e participar ativamente de atividades dos homens, nas caçadas, nas pescarias, da roça, das práticas ritualísticas e da construção da *Takãra*. Neste caso, o menino, agora considerado rapazinho, aprende com os *Wyrã* – comunidade que não é constituída mais só por pais e avós. De modo semelhante, acontece com a menina, conforme o crescimento dela vai tendo contato com mais gente e com o coletivo das mulheres.

As mulheres não podem ter acesso ao interior da Takãra, porque culturalmente isso não é permitido, Takãra é um lugar sagrado. É um espaço de homens e dos Espíritos, onde durante a realização da festa, os homens representam os espíritos. Na história Apyãwa, quando a mulher desrespeitava essa regra, dizem que os homens chegavam nela, pegando-a e que, a partir desse momento, a mulher era conhecida como prostituta, para toda vida, só porque ela entrou na Takãra. (TAPIRAPÉ. Maurício Waraxowoo'i, 2009, p. 22)

Desta forma, os antigos Apyãwa faziam com as mulheres quando não respeitavam a

cultura. Dizem que, antigamente, quando um menino entrava na Takãra, os homens raspavam o cabelo dele e deixavam o cabelo somente na beirada da cabeça. Hoje em dia este tipo de coisa não é feito com as crianças. Os meninos de hoje entram na Takãra, mesmo não sendo permitido a entrada, enquanto as mulheres continuam respeitando este espaço. Atualmente, os Apyãwa continuam praticado sua cultura, mas precisamos fortalecer ainda mais essas práticas culturais para não perder as linguagens nelas existentes.

Imagem 04: Takãra mamieãwa



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022

3.1.2. O ritual de Takãra Mamieãwa

Takãra Mamieãwa significa deixar o espaço cheiroso com as carnes de caça. Takãra Mamieãwa é realizada após terminar a construção da Takãra. Depois de terminar a Takãra, os homens se organizam para ir à caçada. Então, o povo Apyãwa realiza Takãra Mamieãwa, isso faz parte da cultura tradicional do povo. É importante a realização da Takãra Mamieãwa pelos jovens Apyãwa, isso serve para repassar conhecimentos tradicionais.

Para realizar o ritual Takãra Mamieãwa, os homens se reúnem desta forma: na Takãra os homens se juntam para fazer a cerimônia da Takãra Mamieãwa. No meio da Takãra, uma pessoa fica representando o Xeramõja (espírito misterioso), e todos os homens falam os nomes das caças que pretendem encontrar na caçada, pedindo para este espírito trazer sorte para estes homens. Para o povo Apyãwa este acontecimento deve ser sempre realizado, pois isso faz parte da regra.

O diálogo realizado pelo Xeramõja com os caçadores é o seguinte

_ <i>Kooooooooohihi!</i>	‘grito inicial do <i>Xeramõja</i> ’
_ <i>Xeramõj!</i>	‘_ Meu avô! _ homem chamando o <i>Axyga</i> ’
_ <i>Hi!</i>	‘resposta do <i>Xeramõja</i> ’
_ <i>Ie tanã ke taã temiãra we!</i>	‘_ Eu irei, com certeza, para uma caça’
_ <i>Temiãra we ke ea ’i!</i>	‘_ Vá para uma caça!’
_ <i>Taxao we!</i>	‘_ Para um porco queixada!’
_ <i>Taxao we!</i>	‘_ Para um porco queixada!’
_ <i>Xiwa ’ã we!</i>	‘_ Para um cateto!’
_ <i>Xiwa ’ã we!</i>	‘_ Para um cateto!’
_ <i>’Ã wewãka!</i>	‘_ Para cá eu volto!’
_ <i>’Ã ewãka!</i>	‘_ Volte para cá!’
_ <i>Ere ke pewo xawaxi!</i>	‘_ (Ao olhar para o lado) lá esteja um jabuti!’
_ <i>Ere ke pewo xawaxi!</i>	‘_ (Ao olhar para o lado) lá esteja um jabuti!’
_ <i>Tãrot we irekawo peyra pe!</i>	‘_ Para que eu traga numa <i>peyra</i> ¹ !’
_ <i>Tererot we irekawo peyra pe!</i>	‘_ Para que você traga numa <i>peyra</i> !’
_ <i>Yyhyhy!</i>	‘Grito final respondido por todos os participantes’

Fonte: Paula, 2014, p. 208.

Conforme a Etnografia da Fala (DELL HYMES, 1974), este diálogo entre os caçadores e o Xeramõja é considerado como um evento de fala, pois há um contexto no qual ele se realiza, que é o interior da Takãra e o evento é para que possa acontecer o ritual Takãra Mamieãwa. A saudação inicial é proferida pelo Xeramõja e, em seguida, os homens fazem seus pedidos para o Xeramõja. Ou seja, as pessoas que falam obedecem a uma sequência, sabendo quando devem falar. E o Xeramõja responde aos pedidos dos caçadores. Quando todos terminam de fazer seus pedidos, há um grito final entoado por todos os participantes do ritual.

Após concluir esta cerimônia, no dia seguinte os homens saem para caçar. Nessa caçada também os homens se dividem em grupos, também pode se juntar com outro grupo, mas quando eles voltam para aldeia, a caça que eles conseguem abater é trazida para o seu

¹ *Peyra* é um grande cesto carregador trançado em palha, no qual os Apyãwa carregam produtos da roça, caças abatidas, lenha etc.

grupo. Na cultura Apyãwa, essa divisão de grupos de *wyrã* serve também como forma de organização social do povo.

Imagem 05: *Xyre'i'i* segurando a caça



Fonte: Waraxowoo'í Maurício Tapirapé-2022

Quando estes homens conseguem matar uma caça, a caça é levada pelo caçador até na Takãra onde é preparada pelo seu grupo, pode ser cozido ou assado. Este ritual é específico para os homens, estes grupos são: Wyraonoo, Wyraxĩga, Wyraxĩgio, Tarawe, Araxã e Warakorã. Desta forma que o povo Apyãwa realiza Takãra Mamieãwa, sempre valorizando os rituais existentes. A imagem nº 5 mostra que este ritual também é um aprendizado para a caçada, especialmente, para o jovem rapazinho, que chamamos *xyre'i'i*.

3.1.3. A festa de Iraxao

Iraxao é um nome de um ritual, conhecido também como Aruanã. Para ser dono de Iraxao, a pessoa deve se indicar para ser o dono desta festa. Essa cultura é milenar. Quando os caçadores matam algumas caças, que são levadas no centro na Takãra, neste momento é que a pessoa vai até a Takãra e pega a caça para ser o dono da festa. Porém, a mulher nunca deve pegar a caça na Takãra, geralmente é o esposo que pega a caça e leva para a sua casa. Então, o dono da festa prepara a carne, assada no jirau, para conservar até no dia da festa Iraxao para poder servir para os participantes do ritual.

O adorno de cabeça do Iraxao é feito com o broto da palmeira bacaba e depois de terminar é enfeitado com as penas de arara vermelha e arara canindé, os outros homens também adiantam o serviço, preparando a saia, com a folha de buriti. Durante a confecção

deste adorno do Iraxao, os homens pedem para que os rapazinhos (*Xyre'i'i*) procurem os alimentos nas casas das pessoas, dando a volta na aldeia, desta forma eles vão colhendo as comidas para servirem aos homens que estão trabalhando na Takãra. Essa atividade os Apyãwa chamam de *Akoxi*, em português, seria *Cutia*.

Atualmente, os adornos de cabeça do Iraxao são enfeitados de outra forma, usando um pano fino. Depois de terminar a confecção do Iraxao, ele é levado para a Takãra, onde aguardará algumas horas, até a chegada do dia da festa. Durante este curto intervalo, os representantes se preparam e ensaiam o ritmo da música e da dança, chamando, assim, a atenção de todos da comunidade.

Quando chega o grande dia da festa do Iraxao, os dançarinos se preparam e ficam concentrados para não errar o ritmo da dança e principalmente as letras da música, durante essa apresentação. Neste momento, todas as pessoas da comunidade marcam a presença, participando do ritual. No dia da festa, as mulheres e os homens de todas as idades usam diferentes pinturas corporais. A pintura corporal faz parte da nossa cultura Apyãwa e deve ser praticada nos dias dos rituais. Para iniciar o Iraxao, eles começam a cantar dentro da Takãra, depois saem para fora e vão cantando, dançando em direção da casa da dona da festa. Neste momento, os Axyga são agradecidos e aconselhados pela dona, quando ela pede proteção para que não aconteça algo de mal com ela. A fala da dona de Iraxao é a seguinte:

- *Ã pa'e erexari e'yma ki'i myraty!*

- *Ie tanã ke neremi'oapaãra ramõ takapokojxe'ii ne ke'e.*

- *Tã ãrawiawiarixe'ii ãra ne ke'e.*

Emanyn eramõ xane koxy ramõ iraxão xiawaexaka xereawo, a'e ro'õ xane ã peipei a'egy ranõ. A'e tanã ro'õ xane ã peipei mama'eãy wi.

Fala da Koxamare'i, dona do Iraxao.

Neste diálogo também observamos que há um evento de fala (DELL HYMES, 1974). O contexto é a realização do ritual Iraxao e o local do evento é o terreiro da casa da dona da festa, que é a pessoa que fala para Iraxao, explicando a ele que foi ela quem preparou a sua comida e, para finalizar, pede que nada de mal aconteça com ela e sua família. Desse modo, há um local correto para este diálogo entre a dona da festa e Axyga Iraxao, a quem ela dirige a fala.

Depois deste evento, o Iraxao volta para a Takãra e, na segunda volta do Iraxao, as mulheres se aproximam para dançar em volta dele.

Quando termina a festa, os alimentos são servidos para os participantes. Enquanto para os homens a comida é servida dentro da Takãra, para as mulheres é servida na casa da dona da festa de Iraxao. Desta forma que este ritual acontece, dando sequência aos rituais Apyãwa. Atualmente, a festa Iraxao ainda é valorizada e praticada de acordo com sua regra. Precisamos sempre incentivar os jovens a praticarem os conhecimentos que se encontram nos rituais. Para que assim seja garantido a sobrevivência de uma cultura.

Imagem 06: Ritual de Iraxao



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2019.

Na foto 06, podemos observar como acontece o ritual de Iraxao. As Axyga dançam e cantam no centro da roda, enquanto as mulheres dançam ao seu redor formando um grande círculo. As mulheres jovens estão enfeitadas com *tamakorã* e estão usando penugens de aves coladas nos corpos.

A dança acontece entre o terreiro da casa da dona das Axyga e o pátio da Takãra, repetindo-se este trajeto várias vezes. Ao final, as Axyga se recolhem no interior da Takãra para beber cauim preparado pela dona. E as mulheres que dançaram podem ir beber cauim na casa da dona de Axyga.

3.1.4. A festa de Tawã ‘ Cara Grande’

Imagem 07: Tawã



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022

O ritual de Tawã, conhecido também como ritual de Cara Grande faz parte da cultura do povo Apyãwa. Este ritual é muito importante para manter os saberes apyãwa. Os rituais Apyãwa geralmente servem para organização social do povo e para relembrar a memória histórica de fatos importantes vividos no passado. Não é diferente no ritual de Tawã onde todos participam deste ritual importante.

Quando chega o tempo da realização da festa do Tawã, os homens se preparam e se organizam para realizar o ritual. Depois de definir os donos da festa de Tawã, é informado para a comunidade Apyãwa quem serão os donos. Desta forma, os donos da festa se dividem entre o grupo de Wyraxîga e Araxã. Depois, os homens marcam o dia e vão em busca da madeira barriguda, que nós chamamos de 'Yamo'ôga. Este material é usado para ser confeccionado como Tawã, este material é tirado da raiz desta árvore barriguda, que tem o formato triangular, e é levada para a aldeia. Na Takãra será guardada e confeccionada a máscara. A máscara sempre deve ser renovada, para realizar o ritual de Tawã.

Imagem 8: Apresentação de Tawã



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2022.

Depois que termina a confecção de Tawã, a grande máscara é enfeitada pelas pessoas que são responsáveis pela confecção. Estes espíritos representados na Tawã são os espíritos do cacique Karajá, Kayapó e Kopy. A confecção de Tawã é sempre acompanhada pelos homens, para ajudar os colegas.

A origem dessas três Tawã é explicada pelo professor e pesquisador Nivaldo Korira'i Tapirapé (2022):

- Paxe raka'e werapat irota yopãwa wi imaãxyga.
 - Maapyt mi 'ã xireka
- KARAXAO, KOPI, KARAXÃ;
- Epewera a'e ramõ nawerorixej ranõ.
 - Amotee tawaxãra raka'e mi axokã xaneypy agy, a'era mi ã xireka xerexarywa ramõ.

Na sua narração, o professor cita que o xamã (paxe) trouxe o espírito Tawã do lago, acredita-se que espírito Tawã ma'e estejam nos rios. Portanto, o ritual Tawã surgiu através dos ataques que ocorreram no passado com o povo apyãwa. Então, desta forma os espíritos foram trazidos para o ritual Tawã. No ritual Tawã são representados três espíritos diferentes,

são eles espíritos do chefe Karaxã-Karajá Iny conhecido com Kapitãwa, Karaxao do povo kayapó e Kopi do povo Kopi-cupim.

Os nomes de Tawã foram colocados de acordo com povo a que pertencia o espírito, como Kapitãwa, espírito de chefe karajá que foi morto na aldeia Maakotãwa pelos Apyãwa, Karaxao representa o espírito de Kayapó que, durante a sua apresentação no ritual, demonstra o comportamento agressivo do povo Kayapó. Outro Espírito representado no ritual é do povo Kopi que os nossos antepassados também mataram.

Atualmente, depois de muitos anos, surgiu o novo espírito no ritual Tawã que é espírito de *maira* ‘não indígena’. Segundo a história, isso aconteceu depois de um acidente na BR 158, onde um apyãwa que estava de carro, bateu numa motocicleta, ocasionando duas mortes de *maira* ‘não indígena’. Com o passar do tempo, esse espírito ficou perturbando a vida dessa pessoa, chegou o tempo que esse apyãwa não aguentava mais conviver com esse espírito.

Então, ele resolveu procurar uma forma de se livrar desse mal. Assim, ele saiu à procura de um xamã (*paxe*) e foi orientado pelo *Paxe* que ele precisava sair com esse espírito durante o ritual de Tawã. Somente desta forma, iria se livrar do espírito de *maira* que ficava junto com ele. Quando aconteceu o ritual de Tawã no ano de 2023, foi feito um novo espírito para representar *maira* ‘não indígena’ e integra-lo aos outros espíritos que pertencem ao ritual Tawã. Hoje existem quatro espíritos de *axyga* no ritual Tawã, são: Karaxã, Karaxao, Kopi e Maira.

De alguma forma, este ritual é para celebrar a vitória do povo apyãwa, é o momento também de alegrar e alimentar os espíritos ‘*axyga*’. É importante para o nosso povo apyãwa manter essa tradição porque serve para proteção dos próprios apyãwa contra o mal, significa que através deste ritual o povo estará protegido das coisas ruins que podem vir a acontecer com membros das comunidades. Então, a realização deste ritual deve acontecer todos os anos.

Mesmo que não aconteça por motivo de luto ou outros motivos, as pessoas que saem com esse ritual precisam sempre seguir as regras que são o ritual Xepaanogãwa com *kawi* (mingau de arroz). No momento em que não pode acontecer Xepaanogãwa no centro da aldeia, a esposa pode fazer *kawi* para seu esposo realizar esse Xepaanogãwa sozinho, isso serve para proteção do mesmo. Desta forma, o ritual Tawã vem sendo repassado e fortalecido de geração em geração pelo povo apyãwa.

Imagem 09: Ritual Tawã



Fonte: Comunicadores Apyãwa 26/06/2023

Quando chega o dia da apresentação de Tawã, os convidados se orgulham, porque todos os Apyãwa estarão reunidos novamente. À noite, os homens se preparam na Takãra, soltando a voz, imitando o grito de Tawã. Desta forma, os homens escolhem os representantes de Tawã, aquele que soltar o melhor grito, é escolhido para sair com Tawã. Este grito é único e não é qualquer um que pode sair com Tawã, precisa ter preparo. Logo em seguida, o cauim de arroz é oferecido para o futuro representante de Tawã e para os participantes. No dia seguinte, as pessoas escolhidas sairão com Tawã, dançando com a máscara. A primeira apresentação dura pouco tempo, aproximadamente, 20 minutos. Após isso, os alimentos são servidos para os participantes da festa, cauim tradicional do povo, feito com arroz. O primeiro a provar o alimento é o representante de Tawã que dançou com a máscara. Depois vêm os outros participantes. Os alimentos são divididos entre os dois grupos, Wyraxîga e Araxã.

Depois desta apresentação, a Tawã esperará o seu grande dia, ele passará um longo tempo guardado na Takãra. Essa segunda apresentação da festa de Tawã acontece no verão, no tempo da seca. Neste período, os homens podem sair para caçada sem se preocuparem com a chuva. Nesse tempo, também fica fácil de encontrar porcão (porco-queixada) na beira do rio Tapirapé, no córrego e na mata fechada. Na festa é fundamental ter a carne do porcão. A caçada é feita somente pelos homens, a caçada dura em torno de oito a dez dias. Quanto mais

rápido os caçadores conseguirem matar porcos, mais rápido voltarão para as suas casas. Dependendo se houver pouca caça, os caçadores também podem ficar mais dias na caçada, caso eles não consigam abater muitos porcos. Este dia da volta também é marcado pelo amadurecimento da banana comprida, os dias que ficarão para amadurecer, enquanto isso a caçada continua pelos homens. A carne é sempre conservada no jirau e precisa ser assada, para trazer para aldeia e depois é entregue para o dono da festa.

Para finalizar o ritual de Tawã, as pessoas da comunidade inteira se preparam, se pintam para aparecerem bonitas na festa. Durante a festa, as mulheres adultas usam colar de miçangas, as moças e as meninas também usam, porém, os colares das meninas novas são enfeitados com o dente de capivara, são usados também os adornos que chamamos de *paapy*, *tamakorã*, *myxo'ỹ*, feitos com a linha de algodão. Outro material usado são as penugens brancas dos pássaros, servem para enfeitar crianças e moças, são usados nas pernas e nos braços, cobrindo algumas partes da pintura. Outros enfeites usados nessa festa é *xywaypyaramoro*, feito com a pena de arara vermelha, as pontas amareladas, é usado também *tamakorã amapipoko*, feito com a linha de algodão. O rapaz também usa alguns enfeites deste tipo, como por exemplo, *tamakorã*, *paapy*, *ma'yranemãja*, um colar feito com a miçanga. Também se enfeita com a penugem do pássaro, usando *xywaypyaramoro* e *tamakorã amapipoko*. As penugens são aproveitadas do jaburu, pato e outros. Os homens também usam outro enfeite na cabeça, que chamamos de *akygetãra*. Essas variedades de enfeites são usadas nas festas tradicionais do nosso povo.

Os representantes de Tawã são as mesmas pessoas que fizeram a apresentação no início. Essa dança acontece na Takãra, onde os homens se reúnem, para participar do ritual. Quando tudo fica pronto, Tawã sai de dentro da Takãra para o terreiro que chamamos de Takawytera e os homens acompanham. Depois que Tawã sai da Takãra, ou na hora que entra para dentro, o rapaz tem que sair acompanhando cada Tawã, segurando no braço ou abraçando ele. Depois, Tawã vai para a casa do dono da festa, soltando o grito próprio desse Espírito. Pode haver três ou quatro Tawã na festa, e todas elas vão para a casa do seu dono e de sua dona. Quando chegar no terreiro de casa, a dona da festa vem receber o Tawã, e assim ela pede proteção aos espíritos.

Imagem 10: Tawã com sua dona.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2022

Nesse momento, a dona de Tawã conversa com o Espírito pedindo proteção pois foi ela quem fez a comida para ele:

A professora Koxamare'i (Makato Tapirapé) já assumiu esta função e nos relatou como a dona de *Tawã* fala com o *Axyga*:

“Myratỹ, ie tana neremi'o apaãramõ tãkaj xepokoiĩ wene”

‘Myratỹ, eu sou a que fiz a sua comida, para que eu viva muitos anos (sem doenças)’

Fonte: Paula, 2014, com a colaboração de Makato Tapirapé.

Dessa forma, ocorre uma interação entre a dona de Tawã e o Espírito, configurando um evento de fala (DELL HYMES, 1974), que ocorre somente neste momento. Este evento acontece no terreiro da casa da dona de Tawã e é ela quem dirige a fala ao Espírito Tawã, dizendo que preparou a comida para ele e pedindo que nada de mal aconteça com ela.

Depois, Tawã volta para o terreiro da Takãra, fazendo a mesma coreografia de dança e gritando.

Depois deste momento, ele dá a volta na aldeia, passando nos terreiros de casas acompanhado pelos homens. Na frente de Tawã, vão os homens, uma ou mais uma pessoa vai se cobrindo com a esteira, chamado pelos Apyãwa de *miaãwa*, para que os Tawã possam jogar flechas na direção do *miaãwa*. As esteiras servem de anteparo para as flechas. Essas

não são pontudas, geralmente é usada a flecha que tem cera ou semente de tucum na ponta. Outro Tawã usa uma lança, com a ponta de osso de porcão.

Durante essa passagem do Tawã pelos terreiros, outros homens se preparam, cobrindo-se com uma rede, feita com a linha de algodão e carregando arco e flecha, borduna na mão. Atualmente é utilizada a rede e cobertor, Essas apresentações chamamos de Karaxao'ywera, é outro Espírito representado pelos homens. Ela acontece no mesmo dia da festa de Tawã. Os Karaxao'ywera se escondem de trás das casas e de lá saem agarrando Tawã e ameaçando todas as pessoas. Quando volta ao terreiro da Takãra, Tawã encerra a sua participação na festa. Enquanto isso, o grupo de Karaxao'ywera permanecem dançando e cantando no terreiro da Takãra. Para finalizar este ritual, os homens precisam colocar todos os Karaxao'ywera dentro da Takãra. Então, os homens se juntam para agarrar Karaxao'ywera para poder colocar dentro da Takãra. Estes homens obrigam os Karaxao'ywera a entrarem para dentro da Takãra. Essa luta é acirrada e demorada porque nenhum Karaxao'ywera se entrega fácil. A festa termina quando o grupo é todo colocado para dentro da Takãra.

No dia da cerimônia de Tawã, há um canto próprio, denominado *Kwajtãwa* - que é uma convocação feita de madrugada pelo cacique para que as donas de Tawã preparem alimento para as Axyga e para os participantes dos grupos masculinos:

<i>Kwajtãwa</i>	
<i>Tawã patãwa kwajtãwa</i>	‘Canto que convoca para a refeição de <i>Tawã</i> ’
<i>Ma'e pe'awyky axykywenawe</i>	‘ofereçam algo para <i>Axyga</i> ’
<i>Tarawe ratyyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Tarawe</i> ’
<i>Wyraxigio ratyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Wyraxigio</i> ’
<i>Araxã ratyyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Araxã</i> ’
<i>Wyraxiga ratyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Wyraxiga</i> ’
<i>Warakorã ratyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Warakorã</i> ’
<i>Wyraxigoo ratyyyyyy</i>	‘esposas dos <i>Wyraxigoo</i> ’
<i>Awykynaheeee</i>	‘ofereçam!’
<i>Awykynaheeee</i>	‘ofereçam!’
<i>Axyga remi'o towyra re</i>	‘a comida do <i>Axyga</i> , por nossos pais
<i>Ma'e pe'awyky irota axygiãra ratyyyy</i>	‘tragam algo para oferecer, esposas dos donos de <i>Axyga</i> ’
<i>Axyga remi'o towyra re</i>	‘a comida do <i>Axyga</i> , por nossos pais’

Ma'e pe'awyky irotaaaaaa

‘tragam algo para oferecer’

Koooooooooooooooooooo

‘grito masculino marcando o final do canto’

Fonte: Paula, 2014, com a colaboração de Xario'i Carlos Tapirapé.

Aqui, novamente, observamos que ocorre um evento de fala conforme Dell Hymes (1974) definiu. O contexto é o ritual de Tawã. A pessoa que convoca é o cacique e a convocação é feita na Takãra. O cacique canta e depois, todos os homens entoam um grito marcando a aprovação do pedido para que as mulheres preparem comida para o ritual.

Depois, os alimentos são servidos para os participantes da festa na Takãra. Neste momento são servidos vários alimentos como: carne de porção assada ou em forma de pirão, cauim tradicional de arroz, banana comprida. Estes alimentos são divididos entre os grupos dos homens ou Wyrã, são eles: Wyraonoo, Wyraxîga, Wyraxîgio, Tarawe, Araxã e Warakorã. Para as mulheres, a comida é servida nas casas das donas dos rituais. As donas de Tawã oferecem os alimentos para cada Tawã e para os participantes também.

Desta forma que se realiza o ritual de Tawã, são momentos importantes que são valorizados e principalmente praticados pelas novas geração do povo Apyãwa. É um ritual onde se concentram vários conhecimentos dos nossos antepassados, incluindo a memória dos fatos que aconteceram com os Apyãwa.

3.2. Takawytera: Local onde acontece os rituais tradicionais

Imagem 11: Takawytera.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé - 2023

Como podemos ver na Figura 10, o pátio que se localiza na parte leste da frente da Takãra é um espaço muito importante para a realização dos rituais do povo Apyãwa. Takawytyera significa o meio, o centro da aldeia.

Segundo TAPIRAPÉ, Gílson Ipaxi'awyga, (2020, p.76 e 77),

Takawytyera é a designação do pátio da Takãra, onde ocorre a maioria dos rituais e as reuniões noturnas dos Apyãwa. Vale a pena ressaltar que a totalidade da vida ritual dos Apyãwa está condicionada à existência da Takãra na aldeia, visto que, em situação contrária, não há rituais que aconteçam. Isto é, todo o ciclo ritual somente deverá existir continuamente, do começo ao fim, a partir da Takãra. Só em caso de morte de um membro da comunidade pode ser interrompido, uma vez que os Apyãwa mantêm uma regra de luto com duração de até mais de cinco meses. Sendo assim, a Takãra é conhecida, popularmente, como casa cerimonial ou como centro de realizações de cerimônias e rituais Apyãwa, uma vez que o seu pátio Takawytyera é o lugar onde acontece a maior parte das cerimônias e rituais do povo. Há alguns rituais que acontecem dentro da Takãra, Xaneramõja, por exemplo.

Outro pesquisador Apyãwa, Nivaldo Korira'i Tapirapé, (2022, p. 101) define assim o Takawytyera:

Takawytyera é um espaço muito importante para as práticas culturais, onde as mulheres e moças participam diretamente de algumas atividades como, por exemplo, a dança de Marakao e Marakaxawãja, o qual acontece na parte da tarde depois de encerrar a dança de Marakayja que só os homens participam. Esses rituais também são chamados de 'Ara rarywa – 'rituais do dia'. Neste ritual as mulheres escolhem o par para dançar e depois será compensado por porção, tartaruga, produtos da roça e cestaria. Atualmente também essa dança é paga pelo objeto manufaturado das cidades como missanga, linha para fazer rede e também roupas.

Há muitos rituais que se realizam no terreiro da Takãra, como já descrevemos na seção 3.1, o ritual de Tawã, de Iaraxao, de Takãra mamieãwa, entre outros. Nivaldo Korira'i Tapirapé (2022) citou os rituais Marakao, Marakayja e Marakaxawãja que também se realizam no Takawytyera.

Dessa forma, observamos que vários rituais acontecem no espaço do Takawytyera, local importante de uma aldeia apyãwa. Mesmo que a Takãra não esteja construída, este espaço é marcado no centro da aldeia e é onde se realizam as reuniões noturnas dos homens apyãwa. Nesta seção, vou descrever os rituais de Xepaanogãwa, de Tataopãwa e o ritual de nomeação que também são realizados no Takãwytyera.

3.2.1. O ritual de Xepaanogãwa

]

Imagem 12: Xepaanogãwa



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé - 2023

Segundo o sábio Wario (Xywaeri José Pio Tapirapé), Xepaanogãwa é a cerimônia que inicia o ciclo ritual do povo Apyãwa e também acontece no Takawytera. Este costume é muito importante e deve ser realizado pelo povo Apyãwa, para que possa ocorrer bem as festas tradicionais que virão pela frente. Desta forma, é preciso que os jovens de hoje valorizem e pratiquem mais Xepaanogãwa, para que no futuro eles possam realizar o ritual do nosso povo.

Neste ritual Xepaanogãwa somente os homens participam, de diferentes idades. No dia do Xepaanogãwa, os homens, geralmente, saem cedo para pescar o peixe e, à tarde, eles retornam para a aldeia trazendo peixes e quando é de tardezinha as mulheres servem o peixe cozido. Este ritual ocorre no período da tarde onde as mulheres servem diferentes comidas típicas da culinária tradicional Apyãwa e levam no centro da aldeia, especificamente no pátio da Takãra para seus esposos, filhos e outros participantes que se reúnem neste dia. Quando os homens chegam, é realizado um canto cerimonial próprio do Xepaanogãwa:

No Xepaanogãwa todos os homens saem bem cedo para pescar. Por volta de 15:00 h, eles estão voltando da pescaria. Ao chegarem na aldeia todos os homens ficam enfileirados, segurando os peixes e, novamente, o chefe do cerimonial inicia um canto que será cantado por todos os grupos. Esse canto de Xepaanogãwa é realizado no início da chuva:

Ipirã pe'oooooooooooo
 Taraweeeeeeeeeeeeee
 Wyraxigioooooooooooo
 Araxãããããããããããããã
 Wyraxigiiiiiiiiiiiiiii
 Arakorãããããããããããã
 Wyraxigioooooooooooo
 Ipirã pe'oooooooooooo
 Ipirã pe'oooooooooooo
 Ipirã pe'oooooooooooo
 Ipirã pe'oooooooooooo
 Koooooooooooooooooooo

(TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos, 2006, p.11-12).

Observamos que o canto é um convite para que os homens venham comer peixe. Ipirã pe'oooooo significa 'comam muito peixe' e o canto é entoado pelo chefe de cerimoniais, ou seja, é uma pessoa preparada que pode entoar este canto. Assim, constatamos que este momento também é um evento de fala (DELL HYMES, 1974), pois há um momento certo da realização dele, há uma pessoa especializada para entoar o canto e há um momento correto da realização deste ritual no início das chuvas. A participação de todos os homens acontece pelo grito final: *koooooooooooooooo!*

Através deste canto, o cacique convoca todos os grupos (Tarawe, Wyraxigio, Araxã, Wyraxigi, Arakorã, Wyraxigoo) para comerem peixe no Takawytera. Estes grupos são os grupos de idade das metades masculinas, como explica Nivaldo Korira'i Tapirapé (2022, p. 92):

a Takãra é dividida em dois grupos de Wyrã, os quais são: Wyraxiga, para o lado Sul; e Araxã, para o lado Norte. O grupo Wyraxiga é dividido em três subgrupos que são Wyraxiga, Wyraxigio e Wyraxigoo. Por sua vez, o grupo Araxã também é subdividido em três subgrupos: Warakorã, Araxã e Tarawe. Esses dois grupos que nós denominamos Wyrã.

O antropólogo norte americano, Charles Wagley, definiu esses grupos de Wyrã como Associações Pássaros:

[...] a Takãra constitua o centro de atividades das Associações de Pássaros. Havia seis delas divididas em metades cerimoniais não-nomeadas – três em cada metade. Além disso, as três sociedades de cada metade formavam classes de idade. Desta forma, havia pares de Associações Pássaros – um par de sociedades de jovens, um de homens maduros um de homens mais velhos. Embora as metades fossem anônimas, o nome de cada sociedade indicava claramente a metade à qual pertencia. Um conjunto de Associações de Pássaros recebia o nome de vários papagaios e o outro o de pássaros aquáticos brancos. Referir-me-ei, por conveniência, e à divisão das metades cerimoniais das Associações de Pássaros de “Pássaros brancos e Papagaios”. (WAGLEY, 1988, p. 117)

No dia seguinte os homens saem de casa novamente, à procura de abelha, para tirarem o mel para poderem adoçar o mingau de arroz, *kawi* como nós chamamos. Essa busca acontece em grupo. Desta forma, existem dois grupos de Wyrã que são: Wyraxiga e Araxã; cada um tem três subgrupos e esses subgrupos ocupam a ponta da Takãra, onde o espaço é dividido por cada faixa etária, que chamamos de Takãra rakopi'ã. Segundo Waraxowoo'i Tapirapé explicita que os grupos são compostos desta forma, os mais velhos são: Wyraonoo e Tarãwe. Os grupos dos homens casados, a idade acima de 25, são: Wyraxĩga, Araxã e dos jovens (rapazinhos, adolescentes) são: Wyraxĩgio e Warakorã (TAPIRAPÉ, W. M. 2009, p.14).

Conforme explica Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, 2009, p. 11:

Xepaanogãwa é realizada para os homens, no meio da aldeia, onde o Tataopãwa será realizado também e aonde será construída a Takãra. Xepaanogãwa é realizada para os homens se concentrarem no trabalho, pois a construção será realizada. Na cultura Apyãwa, Xepaanogãwa é uma forma de alimentar os espíritos das pessoas que já morreram da sua comunidade, para que eles se acalmem durante a festa. Então, é por isso, que Xepaanogãwa é realizada, para que durante esse trabalho, os espíritos dos mortos se acalmem e as pessoas passem bem na aldeia, principalmente os homens, durante o trabalho e durante a festa. É muito importante participar de Xepaanogãwa, para evitar que algum coisa ruim aconteça com algum membro do povo. (TAPIRAPÉ, Waraxowoo'i Maurício, 2009, p. 11)

Conforme a explicação deste pesquisador Apyãwa, o ritual Xepaanogãwa é um momento de alimentar os Apyãwa que já faleceram, para que eles fiquem calmos e protejam as pessoas da aldeia. É um momento de união entre os Apyãwa vivos e os Apyãwa que já faleceram. Por isso, este ritual é muito importante para o povo Apyãwa.

Na Imagem 13, vemos um grupo de Xepaanogãwa fazendo a sua refeição. Destaca-se a presença do líder do grupo, geralmente, uma pessoa mais idosa, neste caso é o sr. Wario José Pio Tapirapé:

Imagem 13: Xepaanogãwa, refeição ritual dos homens



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2023.

O Xepaanogãwa é um ritual milenar que vem sendo praticado ainda hoje. É um conhecimento antigo que vem sendo repassado de geração a geração. Então, por isso, precisamos valorizar, fortalecer e praticar este saber apyãwa, pois ele pertence à cultura tradicional do povo nosso Apyãwa. Neste sentido, é muito importante praticar tudo aquilo que acontece no período do ritual na comunidade, é uma coisa que traz a alegria do povo, deixando o povo orgulhoso das suas raízes. Somente participando que os jovens aprenderam a praticar o ritual, analisando e presenciando os acontecimentos do início até o fim, aprendendo assim as regras de cada ritual-festa e também praticando a música cantada nas cerimônias.

3.2.2 O ritual Tataopãwa

Tataopãwa é um ritual que é praticado pelo povo Apyãwa, é realizado após o ritual do Xepaanogãwa. A realização do Tataopãwa tem a forma parecida com Xepaanogãwa, porém, a participação é de toda a comunidade, homens e mulheres de todas as idades participam. Do mesmo modo, no primeiro dia, acontece a refeição pelos grupos organizados e os alimentos servidos são peixe assado ou cozido e farinha de mandioca. E, no segundo dia, acontece a refeição com diversos tipos de cauim. A Imagem 13 mostra a refeição do primeiro dia do ritual Tataopãwa, com os pratos preparados com peixes:

Imagem 14: Tataopãwa.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Taprapé-2023

O Tataopãwa é feito na Takawytera, os participantes se dividem em grupos, estes grupos são composto desta forma: Xakarepera, Awãjky, Mani'ytywera, Paranỹ e Apirape. Segundo a entrevistada Maxaja cita, estes grupos são descendentes dos primeiros grupos do povo que saíram para formar o povo Apyãwa, um, por exemplo, saiu debaixo da terra e do tronco. Desta forma, foram formados grupos e que hoje é conhecido no Tataopãwa, com isso podendo relembrar as histórias dos nossos antepassados. Uma criança Apyãwa desde pequena participa deste ritual no grupo a que a sua família pertence. No Tataopãwa as mulheres também servem os alimentos tradicionais, típicos do povo, como peixe. No dia certo da realização do Tataopãwa, os homens saem de casa para pescar o peixe, à tarde as mulheres servem os peixes cozidos para o seu grupo e para o grupo do seu esposo. No dia seguinte, acontece da mesma forma. Dentro de sua casa, as mulheres preparam mingau de arroz (cauim ou *kawi* na língua apyãwa) enquanto os homens têm outro papel para cumprir que é a procura do mel da abelha “europa”, para adoçar o mingau de arroz.

No dia do Tataopãwa os grupos são convocados para participar do ritual através de um canto:

Xere'yga we taka ma'e pe'äwyky
 Karaxatywetyyyyyyyyyy
 Apirapeeeeeeeeeee
 Kãwarooooooooo
 Kãwaro'iiiiiii

Paranyjwatyyyyyyyyyy

Xakarepetyyyyyyyyyy

Xaretapyyyyyyyyyy

Awaopetyyyyyyyyyyy

Xere'yga we takaaaaa;

Xere'yga we takaaaaa.

Koooooooooooooooooooo

(TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos, 2006, p. 11).

O canto próprio do Tataopãwa convida os grupos para comer, porém, os grupos agora são os grupos que remontam à própria origem do povo Apyãwa, como é relatado em nosso mito de origem. Ou seja, há uma narrativa mítica que é rememorada durante a realização deste ritual (Cf. ANEXO II). O contexto desse canto é o ritual de Tataopãwa, em nenhum outro momento ele é entoado. Ele é cantado pelo cacique e é respondido pelos homens que respondem juntos: *Koooooooooooo!* E é um convite para que as mulheres preparem os alimentos que levarão ao Takawytera para que o ritual seja realizado. Todas estas regras mostram que esse canto faz parte de um evento de fala, conforme Dell Hymes (1974) definiu.

Imagem 15: Mulheres adoçando cauim de arroz no grupo de Tataopãwa.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2023

As comidas que são servidas no centro da aldeia são levadas pelas mulheres para o seu grupo. Neste grupo ficam juntos, homens, mulheres e crianças, é importante a participação de toda a comunidade Apyãwa no dia do Tataopãwa, como explica o pesquisador Waraxowoo'i Maurício Tapirapé (2009, p. 15):

As comidas que são servidas são levadas pelas mulheres para o seu próprio grupo. Em cada grupo ficam juntos, homens, mulheres e crianças, porque a participação de toda a comunidade Apyãwa no Tataopãwa é importante. No momento que alguns pais ficavam separados em grupos diferentes e quando tiveram um filho, também escolhiam o grupo para o seu filho, no grupo da mãe ou do pai. E isso acontece dependendo dos pais das crianças; às vezes, as avós que colocavam a criança no seu grupo e de lá não saía mais para outro grupo. No Tataopãwa, dizem que a pessoa não pode ficar mudando de grupo, de uma hora para outra. Diz que assim a pessoa pode ter muito piolho se mudar de grupo. É muito importante realizar Tataopãwa, sempre antes de todas as festas, respeitando as regras da cultura. Tataopãwa é um ritual antigo do povo Apyãwa, que sempre foi realizado para valorizar a cultura e iniciar as festas do povo.

Aqueles pais que estão separados e que têm filhos, escolhem o grupo para o seu filho, seja no grupo do pai ou da mãe. Em alguns casos, segundo a entrevistada, Maxaja (Mareapawygoo Cecília Tapirapé), às vezes, os avós que colocavam a criança no seu grupo e de lá não saía mais para outro grupo.

Culturalmente, no ritual Tataopãwa, as pessoas não podem ficar mudando de grupo. Segundo a história, isso causa muito piolho para as pessoas que mudarem de grupo.

Os rituais Apyãwa não podem somente serem estudados na escola, devem ser praticados no tempo certo. Para realizar ritual e festa, o povo deve seguir as regras para não perder a forma correta de se realizar rituais.

É assim que o povo Apyãwa realiza e fortalece os saberes de Tataopãwa, dessa forma se mantém uma cultura forte.

Imagem 16: Mulheres, homens e crianças participando do Tataopãwa



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé-2023

3.2.3 Ritual de nomeação

Outro ritual muito importante que acontece na Takawytera é o ritual de nomeação. Os Apyãwa têm uma regra de mudar de nome cada vez que se muda a fase da vida. Quando o menino se torna *xyre'i'i*, ele muda o nome. Do mesmo modo, a menina quando se torna moça, também recebe um novo nome, como explica Taparawytyga Vanete Tapirapé:

Os nomes próprios do nosso povo Tapirapé mudam seguindo uma sequência, quer dizer, o nome que uma criança recebe, já pertenceu antes a alguém da família dela. E depois quando o menino ficar rapazinho, ele vai receber o mesmo nome que o seu antepassado tinha quando era rapaz e assim por diante. Para exemplificar, vou mostrar a sequência dos nomes de minha família: NOWÃ, KAOREKATO'I, AXOROMYO, AXIAJ'I, XAWARIPA'I. Esses eram os nomes do meu pai, ele recebeu esses nomes em todo processo que ele passou de acordo com a idade dele. Também durante os momentos mais importantes na vida dele. Hoje, já há um neto dele que se chamava Nowã e como já ficou *xyre'i'i*, esse neto já recebeu também o nome de Kaorekato'i. Por isso, meu pai já mudou novamente de nome, ele agora deve ser chamado de Axoromyo, Axiaj'i ou Xawaripa'i. (TAPIRAPÉ, Taparawytyga Vanete, 2006, p. 11)

Há um canto próprio para realizar a mudança de nomes. O chefe cerimonial entoia este canto:

*Peapyakã, peapyakã,
A'eteweeeeeeeeeeee
A'eteweeeeeeeeeeee
Xawapa'i wetymymino'i re anogi
Xawario amamat ixowi
Xawapa'i pexe ke ixope ranõ
Amõ ranõ, amõ ranõ*

'ouçam, ouçam'
'o que vai ser de verdade'
'o que vai ser de verdade'
'Xawapa'i sobre meu neto eu coloco'
'Xawario eu retiro dele'
'Xawapa'i, de novo, digam para ele'
'Mais alguém, mais alguém de novo'

<i>A'eteweeeeeeeeeeee</i>	‘O que vai ser, de verdade’
<i>Marawi ete weeeeeeeee</i>	‘Marawi, de verdade
<i>Marawi anogi wekoxamemyri re</i>	‘Marawi eu coloco sobre a filha de minha irmã’
<i>Taparawytyga amamat ixowi</i>	‘Taparawytyga eu retiro dela’
<i>Marawi pexe ke ixope ranõ</i>	‘Marawi, de novo, digam para ela’

(TAPIRAPÉ, Taparawytyga Vanete, 2006, p. 12.

O ritual de nomeação acontece sempre na Takawytera, mesmo que a Takãra não esteja construída, como observei, muitas vezes, o meu finado avô realizar este ritual em Majtyritãwa. Novamente, percebemos que há uma pessoa preparada para realizar o ritual, um chefe cerimonial e um local adequado para a realização do ritual de nomeação, ou seja, trata-se de um evento de fala que possui regras próprias (DELL HYMES, 1974).

3.3. Takope

Os pátios das casas também são fundamentais e essenciais na realização de alguns rituais do nosso povo, como por exemplo; quando acontece a festa do Iraxao, os Axyga precisam ir até o pátio das casas de suas donas para buscar o grupo de mulheres que dançarão com eles. O mesmo acontece no ritual de Tawã, as Tawã devem ir até o pátio da casa de suas donas, que conversam com Axyga, como se observa na Foto 15.

Então, esses espaços são importantes para o nosso povo, desta forma que funcionam os rituais e festas nas comunidades Apyãwa, tanto no Takawytera como no Takope.

Takope também é um espaço muito importante durante o ritual de saída da mocinha após a primeira e a segunda menstruação. A jovem fica de resguardo, mais ou menos, quinze dias, e, durante este período de tempo, ela recebe conselhos de sua mãe, de sua avó e de suas tias.

Imagem 17: Tawã conversando com sua dona no pátio da sua casa.



Fonte: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé- 2023

Durante a primeira e a segunda menstruação, a mocinha fica de resguardo dentro de sua casa, esta é uma regra do povo Apyãwa. Quando a mocinha sai do resguardo da primeira menstruação, ela é enfeitada com a pintura corporal própria e usa as penugens de pato coladas em seu corpo com *yyka*, uma resina retirada da árvore amescla. Além disso, usa colar de miçangas com dente de capivara, *tamakorã*, *tamakorã amapira* e *ipyxowyga*, todos estes adornos são obrigatórios na saída do resguardo da moça, como se pode ver na Foto 18:

Imagem 18: Moça enfeitada após o resguardo no terreiro de sua casa.



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, in: Makato Tapirapé, 2012.

Em sua monografia de Especialização, a pesquisadora Makato Tapirapé traz as palavras de uma entrevistada, a senhora Awokopytyga Marlene Tapirapé:

Ela confirmou direitinho o lugar certo de repassar a educação para as meninas, durante dia-a-dia, a noite no terreiro da casa própria quando elas refrescam o seu corpo durante a noite ou seja quando avós levam na roça, nas pescarias, nos passeios delas. Por isso, ela receberá a educação a educação dos avós somente nas coisas boas, respeitar seus irmãos e outras pessoas do povo Apyãwa. (TAPIRAPÉ, M., 2012, p. 43)

Estas informações confirmam Takope como um lugar de aprendizagem para as meninas e para as moças, isto é, além de ser um local onde se realizam alguns rituais, também é um local onde acontece a educação tradicional das jovens.

3.4 – Os rituais e a escola

Os rituais são entendidos como parte da formação das pessoas Apyãwa. Todo ritual envolve uma preparação que é compartilhada por todas as pessoas da comunidade. Além dos donos e das donas das Axyga, as pessoas participam se pintando, se enfeitando, dançando e cantando as músicas próprias de cada ritual. Estes momentos são necessários para o aprendizado das regras da realização de cada cerimônia. Desse modo, consideramos como um grande processo pedagógico a participação nos rituais.

Por isso, quando acontecem os rituais, as aulas na Escola param para os professores, servidores e estudantes poderem participar plenamente das cerimônias.

No Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, há dois textos que falam sobre a importância da Takãra e sobre o Calendário Escolar:

A importância da Takãra

Desde antigamente a comunidade Apyãwa faz a Takãra, porque a Takãra é uma casa que a comunidade sempre utiliza para a festa e não só para a festa, nós também nos reunimos nesta casa.

Todas as reuniões que nós fazemos para discutir diferentes assuntos, tem que ser realizadas na Takãra. Por isso, a Takãra para nós é muito importante. A Takãra é muito respeitada pela comunidade Apyãwa, por exemplo, as mulheres não podem entrar na Takãra e nós respeitamos essa lei. Mas o terreiro da Takãra também é muito importante. Nele realizamos muitos rituais e reuniões. Neste espaço, as mulheres também podem participar.

Agora, os meninos e os rapazinhos podem entrar na Takãra porque a Takãra é feita para os rapazinhos poderem dormir nela. Mas não é só rapazinho, também os homens solteiros podem dormir na Takãra.

Por isso, a comunidade Apyãwa sempre vem se reunindo, para poder cumprir os nossos costumes. Mesmo assim, os mais jovens não estão cumprindo os nossos costumes. A rapaziada não dorme mais na Takãra e não respeita os alimentos que os mais velhos comiam na Takãra.

Por isso, nós, professores, temos sempre que ensinar aos alunos o nosso costume e falar bastante para eles não deixarem o nosso costume, porque nós estamos vendo outros costumes que não servem para nós.

Por isso, nós jovens temos que participar de todas as festas que envolvem toda a aldeia. A comunidade sempre se reúne na Takãra, quando nós queremos fazer as nossas festas. Por isso, a Takãra é muito importante para nós.

É também na Takãra que os homens se reúnem para fazer flecha, arco e borduna, quando querem ir para uma caçada.

Todos nós temos que respeitar a Takãra. A comunidade Apyãwa está cumprindo os nossos costumes porque esse respeito não pode acabar.

Professor Júlio César Tawy'i Tapirapé

Fonte: Projeto Político-Pedagógico da EIE Tapi'itãwa, 2009, p. 67.

O professor Júlio César Tawy'i Tapirapé deixa bem claro a importância da Takãra para o povo Apyãwa, porque é nessa casa que se realizam todas as cerimônias importantes para nós. Destaca também a importância de os jovens participarem dos rituais. Já o professor Kaorewygi Reginaldo Tapirapé apresenta como a escola se organiza para possibilitar a participação dos docentes e dos estudantes nos rituais:

O nosso calendário tradicional

No contexto histórico do povo Apyãwa sempre praticávamos uma educação tradicional própria. Há muito tempo atrás e até hoje, esta prática de uma educação milenar do povo Apyãwa e de muitos povos indígenas do Brasil, ainda é praticada de acordo com suas realidades.

Neste contexto, apresento a estrutura da educação do povo Apyãwa, que vem sendo praticada pela sua própria escola indígena que é reconhecida oficialmente pelo Estado brasileiro. A Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa funciona plenamente de acordo com a realidade da sua comunidade, pois a escola participa ativamente dos eventos culturais motivando os professores e os alunos a

conhecerem mais ainda o segredo da vida da comunidade, porque são as futuras gerações que irão prosseguir as nossas práticas culturais, que não podemos deixar desaparecer.

Quando se realiza uma cerimônia, uma caçada, uma pescaria ou uma atividade agrícola comunitária, todo mundo participa porque é o momento de aprendizagem para que as pessoas possam se preparar como líderes ou chefes de alguns rituais na comunidade. Na parte do sexo feminino também acontece da mesma forma, ou seja, a aprendizagem acontece mais em casa, mas as mulheres também têm sua participação nos rituais, pois são elas que preparam os adornos e as comidas próprias de cada cerimônia.

Portanto, hoje a comunidade e a escola trabalham em parceria obedecendo principalmente ao calendário tradicional que obrigatoriamente tem que ser respeitado. Depois que se encerram todos os eventos realizados pela comunidade, posteriormente, os professores e os alunos vão registrar esses fatos acontecidos nas atividades escolares para não perder a nossa história. Por isso, os professores e os alunos não devem deixar de participar de toda atividade necessária da comunidade, porque são sujeitos importantes para produzir os conhecimentos tradicionais do nosso povo Apyãwa. Também toda a sabedoria adquirida pelos professores e alunos não deve ficar apenas no papel, temos que praticar para conquistar a confiança da comunidade.

Este sempre foi o processo de aprovação das pessoas do povo Apyãwa para tornar-se um grande líder ou chefe.

Neste contexto eu interpreto que professores indígenas não têm férias, trabalham o dobro de qualquer escola pública, porque o calendário escolar oferecido pelo Estado brasileiro exige 200 dias letivos. Sabemos que trabalhamos na escola formal propriamente dita e trabalhamos também na escola tradicional que não conta sábado, domingo, feriado e férias como uma forma de paralisação da escola.

Por isso, os professores têm que ter consciência e participarem de todas as atividades realizadas pela comunidade, senão, podemos contar a ausência como falta.

Prof. Kaorewygi Reginaldo Tapirapé

Fonte: Projeto Político Pedagógico da EIE Tapi'itãwa, 2009, p. 79.

Neste texto é possível perceber como acontece a articulação entre os rituais e os trabalhos escolares. Tudo o que foi vivenciado durante o ritual é retrabalhado na sala de aula, quando os alunos registram os eventos próprios de cada ritual.

Os estudantes também realizam pesquisas sobre os rituais, orientados pelos professores. Como exemplo, mostramos o livro Festas e Rituais Tapirapé, organizado pelo professor Nivaldo Korira'i Tapirapé (Paroo'i). Ele orientou as pesquisas a serem

desenvolvidas pelos alunos e alunas e, depois, organizou o material em forma de livro, como se observa na Foto 19:

Imagem 19: Livro Festas e Rituais Tapirapé



Fonte: Nivaldo Korira'i Tapirapé, 2009.

Este livro foi publicado em 2009 pela Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres, fazendo parte da série Experiências Didáticas.

Os assuntos abordados no livro foram todos relacionados aos rituais, como se pode ver no Sumário (Figura 20):

Imagem 20: Sumário do livro Festas e Rituais Tapirapé

SUMÁRIO	
WYRĀ XEPANOGĀWA	8
TAKĀRA MAMIEĀWA	9
AWARĀ'Ī	10
IRAXAO	12
XĀAPIĀWA	14
LUTA COM FOGO	15
LUTA DE HOJE	16
KAWAWOO	17
XANERAMOJA	18
A ORIGEM DO XANERAMOJA	20
PRIMEIRA MOSTRA DE CARA-GRANDE	22
MARAKAYJA (FESTA DO RAPAZ)	22
MARAKAO	23
MARAKAXAWĀJA	26
A ORIGEM DO MARAKAYJA	27
CAÇADA NO RIO TAPIRAPÉ	29
CHEGADA DA CAÇADA	30
CARA GRANDE	31
MITO DA CARA GRANDE	32
MYRYXIRE HAĀWA	33
MYRYXIRE HAĀWA	34
MYRYXIRE TEKA – XIWEWEXIWE	35
PAXE – AMOATA O E MYTŌ	36
XYRE'IXE'ATOAKARAĀWA	37
XYREAGY XEAPAĀWA	37
FINAL DO MARAKAYJA	38
KAWIO – TÉRMINO DO KA'O	40
WYRAWYRAY'OĀWA	40
XAKAKŌJA	40
PESSOA QUE VIROU PORCÃO	40
IREWEEAXYGA	40
KA'IO	40
KAWIMAYJNĀWA	40
AXYWEWOJA – XAKOWI	40

Quero destacar que as escolas do povo Apyãwa, tanto a Escola Indígena Estadual Tapirapé, localizada na aldeia Majtyritãwa, Área Indígena Tapirapé Karajá, como a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, localizada na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, continuam a trabalhar desta forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de pesquisa bibliográfica e etnográfica, considerando a minha participação na comunidade nos momentos dos rituais. Infelizmente, a pandemia impediu a realização de vários rituais, o que dificultou o meu trabalho. Houve também quatro períodos de luto por causa das pessoas que faleceram devido à Covid 19, o que prejudicou também o andamento da pesquisa, porque eu não podia conversar sobre os rituais com as pessoas, para respeitar o luto.

Esperamos que este trabalho colabore para fortalecer os conhecimentos sociolinguísticos e culturais do povo Apyãwa Tapirapé, principalmente, as falas rituais.

Entendemos que cada ritual adquire sua importância para o povo Apyãwa Tapirapé, nos quais acontece a movimentação de linguagens específicas através das falas ou das músicas. Se isso não for praticado e valorizado, estes conhecimentos que atualmente conhecemos, poderão desaparecer totalmente, como já ocorreu com outros conhecimentos apyãwa. Não podemos permitir que isso aconteça. Somos um povo forte e precisamos manter nossa língua e nossa cultura em movimento para continuar viva.

Nós, pesquisadores, somos responsáveis por registrar e cuidar da nossa língua e cultura, para que não possamos perder o que nos torna um povo com sua própria identidade. Há muito tempo, alguns rituais foram perdidos talvez por falta de interesse do próprio povo. É uma situação preocupante e precisamos refletir sobre isto, neste sentido precisamos incentivar cada vez mais os jovens a praticarem e valorizarem a nossa cultura.

Observando o Ciclo dos Rituais Tapirapé, analisa-se que alguns não são mais praticados como os anciões apontam. Tempos atrás, ninguém imaginava que era importante registrar ou aprender das pessoas que sabiam praticar certos conhecimentos culturais. Desta forma, foram desaparecendo conhecimentos aos poucos, perdendo assim um pouco da identidade que marca o povo Apyãwa. A festa é um elemento cultural importantíssimo que mantém as linguagens formais do nosso povo.

Existem muitos conhecimentos que não podem ser mais resgatados após a morte de um sábio. Cada vez que morre um ancião leva seu conhecimento consigo e desta forma vai se destruindo uma parte da biblioteca do nosso povo. Então, precisamos registrar e principalmente saber os conhecimentos que existem nos rituais e festas culturais do nosso povo Apyãwa. É nestes espaços que vamos formar pessoas para transmitir os conhecimentos para as gerações futuras.

Deixo registrado neste trabalho exemplos das falas e letras das músicas na linguagem própria dos rituais, para despertar interesse dos jovens apyãwa. Por exemplo: no Ka'ô ritual rico em cantos, aparece bastante palavras que hoje não existem mais ou que deixaram de ser usadas na comunidade, aparece apenas nas músicas. Então, é necessário a preservação e fortalecimento dessas práticas culturais para que não desapareçam do ciclo ritual apyãwa. Foi o motivo que me levou a pesquisar falas especializadas praticadas durante os rituais e festas tradicionais, é uma coisa preocupante pois os conhecedores estão morrendo aos poucos e penso que a Escola pode colaborar para a manutenção de nossos rituais.

No primeiro Capítulo, apresento a trajetória de vida pessoal e acadêmica, mostrando como os estudos contribuem para a minha prática docente. No segundo Capítulo, apresento o contexto histórico e social do meu povo Apyãwa, destacando como a luta pela terra contribuiu para a demarcação de dois territórios, a Área Indígena Tapirapé-Karajá e a Terra Indígena Urubu Branco. No terceiro Capítulo, apresento os três locais onde se realizam os rituais do povo Apyãwa: a Takãra, a grande casa cerimonial; Takawytera, terreiro da Takãra e Takope, os terreiros das casas de moradia. Destaco os rituais de Xeramôja, Takãra Mamieãwa, Xepaanogãwa, Tataopãwa, Iraxao e Tawã, e o ritual de nomeação, que ocorre quando as pessoas passam para outra fase da vida e trocam de nomes. Em todos estes rituais, há cantos que cumprem uma função social, como a convocação dos homens para a caçada ou pescaria, ou o convite para as pessoas participarem das refeições comunitárias. Esses cantos convocatórios recebem o nome de *Kwajtãwa*, o que indica a função linguística e social que eles realizam. Esses cantos foram analisados conforme a teoria dos eventos de fala elaborada pelo linguista Dell Hymes, 1974. A contribuição desta pesquisa será especialmente para os jovens Apyãwa, que, assim, terão o material disponível para o aprendizado dos cantos através do meu produto pedagógico que traz os rituais com os cantos.

CONSULTORES APYÃWA

JOSÉ PIO TAPIRAPÉ (WARIO TAPIRAPÉ), aldeia Tapi'itãwa, com idade de 75 anos, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT.

XAKAREO'I TAPIRAPÉ, com idade de 86 anos, aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT.

MAREAPAWYGOO (MAXÃJA) TAPIRAPÉ, com idade de 84 anos, aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDUS, Herbert. **Tapirapé** – Tribo tupi no Brasil Central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico, 2022**. Disponível em:
<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias>

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITÃWA. **Xe'egyao**. Apyãwa xe'egimõ, maira xe'egimõ. Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, 2010.

HYMES, Dell. The ethnography of speaking. In: BLOUNT, Ben G. (Ed.). **Language, culture and society**: a book of readings. Cambridge: Winthrop Publishers Inc., 1974.

PAULA, Eunice Dias de. **A língua dos Apyãwa – Tapirapé- na perspectiva da etnossintaxe**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendaju, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TAPIRAPÉ, Iranildo Kaorewygi. **Língua Apyãwa**: construções oracionais em diversos contextos comunicativos. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, UFG, 2020.

TAPIRAPÉ, Koxamaxowoo, & CRUZ, M. C. (2019). **Notas sobre a fala masculina e feminina entre os Apyãwa-Tapirapé**. In: Revista Brasileira De Linguística Antropológica, 11(02), 12.

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga. **Takãra**: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, UFG, 2020.

TAPIRAPÉ, Makato. **Educação Feminina conforme a cultura tradicional do povo Apyãwa-Tapirapé**. Monografia de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Educação Escolar Indígena apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, Campus de Barra do Bugres, 2012.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. **Takãra**: A Casa da Sapiência Apyãwa Casa da Sapiência Apyãwa. Dissertação de Mestrado Profissionalizante apresentada ao PPGECEI, UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2022.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. **Ka'o: a festa dos pássaros**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura – Habilitação em Ciências Sociais apresentada à UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres, MT, 2006.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. **Festas e Rituais Tapirapé**. Série Experiências Didáticas. Faculdade Indígena Intercultural. UNEMAT/SEDUC/SECITEC/FUNAI/MEC. Barra do Bugres, 2009.

TAPIRAPÉ, Taparawytyga Vanete. **As regras dos nomes Tapirapé**. Monografia de final de curso de Ensino Médio, Projeto Aranowa'yao, Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, Confresa, MT, 2006.

TAPIRAPÉ, Xario'i Carlos. **Cantos de Xakowi**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura – Habilitação em Letras, Artes e Literatura apresentada à UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres, MT, 2006.

TAPIRAPÉ, Waraxowoo'i Maurício. **Ciclo ritual do povo Apyãwa Tapirapé**. Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, Projeto Aranowa'yao, Ensino Médio. Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, Waraxowoo'i Maurício. **Ensino de palavras masculinas e femininas: resistência cultural e linguística**. Dissertação de Mestrado Profissionalizante apresentada ao PPGECH, UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2022.

ANEXO I

O PRODUTO PEDAGÓGICO

O meu produto pedagógico é um vídeo elaborado com cenas de alguns rituais do povo Apyãwa Tapirapé.

Este vídeo se constitui como um produto pedagógico de ensino e aprendizado. Desenvolvido com o objetivo de registrar, transmitir conhecimentos linguísticos tradicionais e saberes do povo Apyãwa e, desta forma facilitando o acesso deste produto à juventude, principalmente, para os alunos da educação básica.

Este produto traz registro dos momentos importantes durante o acontecimento dos rituais e cerimônias do povo Apyãwa, demonstrando os espaços sagrados como a Takarã, Takawytera e Takope, lugares onde são praticadas linguagens especializadas através do uso das falas e das músicas.

Estes lugares são de extrema importância para o povo indígena Apyãwa, pois fortalecem o contexto sociolinguístico e cultural do povo.

Desta forma, o povo Apyãwa vem utilizando as novas tecnologias a favor da manutenção da língua e da cultura através dos registros, desta maneira fortalecendo e assegurando os conhecimentos ancestrais.

O vídeo está disponível em:

WhatsApp Vídeo 2024-01-29 at 12.22.57.mp4

ANEXO II

MITO DE ORIGEM – XANEYPYAGY YWYWI PAAWERA

Narrado por Koraripewi Tapirapé

Transcrito e traduzido por Demílson Makarore Tapirapé, 2009.

XANEYPYAGY YWYWI PAAWERA

Maryato ro'õ raka'ẽ 'ã Mani'tytywera gy ipapari mani'ywa axee a'ari mõi ityni ramõ. A'e ro'õ raka'ẽ amaewy'arorok 'yna i'ari mõi. Ywyroare axetyroga ipyri mani'ywa. A'e ro'õ raka'ẽ mawej aapa wetyma iapakato i'aka irekawo 'a'ara wi, amani'ywa 'ãra wi ranõ. A'era mõi ro'õ raka'ẽ ewy'arorok 'ota akawo eewe Mani'tytyweragy ranõ, 'ã apapata.

_ 'Ã'ã! ka pã 'ãra pã!- axawo.

A'e pa 'yg mi ypytomawe'ymoo pe aryj ii pã, axawo Mani'tytyweragy apapata 'ãra rexaka. 'Ã apapata iexaka 'ãra nyn:

_ 'Ã'ãh! Ka xowe pa 'ãra arewi pã axawo Mani'tytyweragy, iexaka 'ãra apata. 'Ãra rexakire ro'õ raka'ẽ Mani'tytywera gy i'amytymi wetywera. A'eramõ ro'õ raka'ẽ Mani'tytyweragy ipari 'ã akawo. 'Ã akawo a'egy'ixe py, akawo apata, natywi we ro'õ raka'ẽ a'eramõ 'awã mõi. 'Ã aparire amymyjna 'yna, ãri pe aparire 'ywyete ropi amymyjna 'yna. A'era ro'õ raka'ẽ ienowi aawo aataãwa ropi peywyri Apirape agy xe'emy'yja ranõ. A'e ro'õ raka'ẽ a'egy 'yj awyra rowete pe ranõ 'ywyroare, i'arimõ ro'õ raka'ẽ ka ywy.

_ 'Ã'ãh! ma'e tapa 'yme axawo Mani'tytyweragy apika aawo akwapa ee. _ Ma'e xe'e my 'yja tâpa axawo. A'e ro'õ raka'ẽ ajnowajp aaxo 'opa, a'era ro'õ raka'ẽ ia i'ari mõi ienokatowo 'opa ranõ. A'ere ro'õ raka'ẽ ienowi aawo akwapa ixexemy'yja i'ari mõi. Awyripe ramexe ro'õ raka'ẽ ixexemy'yj 'yna Apirapeagy 'ywyroare.

A'e ro'õ raka'ẽ akome'o irota wetagy we a'egy.

_ Ma'e xe'emy'yja pã wi 'yj wã axawo, ma'e ta ke pã 'yj axawo ixope etagy. Axe'apeap areretagy mõi pã ke 'y'yj we ranõ ara'e araawo araxopa ienopa ixexemy'yja. Eixanami, are arapat 'ywy wi ranõ araxawo, emanyn pake 'y amo agy ityni pa ranõ ara'e aropa ienopa i'ari mõi. Pexe mi tâpeinop axawo irota wetagy ikaty, watyagy, awaxãgy. Xã epa tana ixexemy'yja, peapyakã ee ranõ. A'era ro'õ raka'ẽ iapyakã ee 'opa, ka ywyroare xe ro'õ raka'ẽ ixexemy'yj 'yna Apirapeagy. Ixexemy'yj ro'õ raka'ẽ 'yna, xane mõi xe ro'õ ke 'y'yj wã, axawo? – Pexe

mi xi'ak axawo axaopeope Mani'ytyweragy . Ao'i'i xepe ke py amo pe'ak axawo. Ma'e pe waroo ke 'y'yj axawo axaopeope. I'aka imomoka imanawo kwāp, wajpyjxe ro'ō 'ywykwara Apirapeagy kaāwa.

- Maryn pa 'ā areretyma pemogoj ii, wā? axawo ixope Apirapeagy! Pemogojewi ii areretyma areree, kwi! axawo Apirapeagy Mani'ytyweragy we.

_ Ā'ā, xā ranō! axawo Mani'ytyweragy, xaneagy mō ke 'y 'yj xexawa pā 'y 'yj xaneretagy mō wā! axawo. Pexe xiraparii kwi, axawo Apirapeagy we. A'eramō ro'ō raka'ē i'ywykaj irekawo.

_ Ara'ak ka! axawo ixope. Ara'apap ka penetyma penowi, tapepat kwi, axawo ixope. Emanyn karae are arapat ranō! axawo ixope imapy'atyraka 'ā imamarakāta a'egy ranō. A'era ro'ō raka'ē i'aki, kwi. A'e ro'ō raka'ē, kwī! Apirape werapat awaxagy, watyagy, ixewetekwera agy apapata ewiri ranō. A'e ro'ō raka'ē apapapawirē 'ā akawo aparagetāwo axaope. Nyn karae are arapat ranō, axe tana karae arapat araxe'itee e'i ro'ō raka'ē Mani'ytyweragy axekome'owo Apirapeagy we.

_Axe pā, wā! axawo.

_ 'Ypytomawe'ymoo pe raka'ē xikwawii kwī! axawo axaopeope.

_Taaryn! Pexe 'eramō xiparii, axawo. 'Ā axapyri akawo awyraroete iapawo 'ā axetyrōga'i. 'Ao hewi axetyroga, awyraroete axeope iapawo. A'epe py ro'ō raka'ē axapyri ika'i ranō. 'Y ro'ō raka'ē Mani'ytyweragy, 'y ro'ō raka'ē Apirapeagy. Tyy emanyn xixamanyyki xerekawo, a'ere amymyjna a'egy 'yna ranō, ywyete ropi, ka'ā ropi, pe aawo awaema Kawaro'iagy we ranō.

A'e Kawaro'iagy ro'ō raka'ē aka 'ywytātyo 'ywyja pe axekwaroga. A'e ro'ō raka'ē mi a'egy kwe hewi apeiri irekawo wakope emoywa re. A'e ro'ō raka'ē mi Kawaro'iagy wypejkato'i imoapa axewe akaroāwa mō emoywa wyrā. Emoywa ro'ō raka'ē mi Kawaro'iagy a'o akawo. A'e ro'ō raka'ē mi iytyty ixope akwāpa emoywa, a'e ro'ō raka'ē 'ymywe apapat i'owo.

'Ywyraywyja pe ro'ō raka'ē a'egy ika. A'e ro'ō raka'ē Mani'ytywera, Apirapegy ramō aa imamarakata 'ywyraywyja wi pepapat, kwī, axawo ixope. A'era mō ro'ō raka'ē imapaparakāri 'ywyraywyja wi, pepat kwī, axawo ixope. A'era mō ro'ō raka'ē imapapapawakata, ka irota a'egy wetyjme. 'Ā akawo a'ewi ranō, akawo, akawo, pe iopa aawo Kawarooagy ranō. Emanyn we ro'ō raka'ē a'egy ika axekwāroga 'ywyraywyja pe ranō.

A'e ro'õ raka'ẽ etagy amapaparakât aawo a'egy ranõ 'ywyraywyja wi. Imapaparakâri re xowe ro'õ raka'ẽ irori wetyjme imanyyka. A'era mõi ro'õ raka'ẽ maapyt etyma, ixetyrogi a'egy ranõ. 'Y amõi, 'y amõi, maapyt ro'õ raka'ẽ a'era etyma, 'y a'e pe akawo amymyjna 'yna.

A'ere ro'õ raka'ẽ iwaemi aawo Tawaopetywagy we ranõ, tawaatyjpe ro'õ raka'ẽ ika a'egy.

ORIGEM DO POVO APYÃWA

O surgimento dos nossos ancestrais é assim contado pelos nossos antigos: o nosso povo Apyãwa vivia em grupos que moravam em vários lugares. O grupo Mani'ytywera morava embaixo da terra. Sabemos que havia em cima do grupo de Mani'ytywera um pé de mandioca "*mani'ywa*". Diz que o grupo de Mani'ytywera também estava fazendo rachar a terra junto com as raízes de mandioca. Também o grupo de Mani'ytywera estava morando no fundo da terra e havia em cima dele o pé de mandioca morando junto. Diz que o povo de Mani'ytywera estava arrumando a sua casa e tirando a terra da sua casa em cima da mandioca. Porque o pé de mandioca "*mani'ywa*" estava em cima das pessoas Mani'ytywera, por isso é que vai servir como o nome desse grupo. Diz que o grupo de Mani'ytywera estava vindo rachando a terra até sair. Quando os Mani'ytywera saíram do fundo da terra para fora, ficaram assustados:

_ ãã!, estranharam o dia, que eles viram pela primeira vez.

O grupo de Mani'ytywera dizia:

_ Nós estamos habitando no lugar onde o dia sempre escurece. Então, vamos vendo o dia claro! Depois que saíram todas as pessoas, o grupo de Mani'ytywera jogou terra em cima do buraco até tampar tudo.

Portanto, em primeiro lugar, surgiu o grupo de Mani'ytywera que ficou habitando fora sem ninguém. Quando os Mani'ytywera saíram todos, ficaram andando na terra dia após dia. Quando eles estavam andando, diz que o grupo de Mani'ytywera foi ouvindo o barulho do grupo de Apirape perto da estrada. Também o grupo de Apirape estava morando em uma casa bem ampla no fundo da terra.

Quando algumas pessoas do grupo Mani'ytywera estavam andando na estrada ouviram barulho de conversa e se assustaram.

_ Ah! Quem está ficando aqui?

Dizem que eles ouviram uma conversa, bem baixinho, e foram ficar em cima. Quando eles foram bem em cima, aí que eles estavam ouvindo a conversa dos Apirape no fundo da terra.

Quando voltaram, eles contaram para seu grupo Mani'ytywera, que ouviram um barulho. E eles imaginaram: _Será que não é um nosso parente que está habitando no mesmo lugar que nós habitávamos também? Assim, eles contaram para o grupo. Eles disseram: _Vamos pessoal, vocês vão ouvir! Dizem que eles foram junto com suas esposas e seus filhos ver o local onde estavam os outros.

Quando os Mani'ytywera ouviram a conversa dos Apirape, ouviram só no fundo da terra, mas eles imaginaram que seria mesmo um parente. Os Mani'ytywera disseram:

_ Vamos tirar, vamos!

Havia também medo do outro grupo. Aí os Mani'ytywera disseram:

_Vamos tirar só um pouquinho, porque talvez tenha outros bichos! Quando furaram a terra, viram um buraco grande e os Apirape falaram para os Mani'ytywera:

_Porque vocês vieram invadindo, derrubando a nossa casa! Não pode derrubar a nossa casa, nos deixem em paz. Aí os Mani'ytywera se assustaram:

_ Ah, sabia que é nosso parente!

Então, eles cavaram um buraco para tirar todos. Depois de terminar de cavar, os Mani'ytywera perguntaram para os Apirape se poderiam tirá-los. Aí os Mani'ytywera falaram para os Apirape:

_Foi desse jeito que nós saímos também.

Então, por isso, os Apirape saíram do fundo da terra com suas esposas, filhos, avôs e avós. Depois de saírem todos, os Mani'ytywera ficaram morando junto com os Apirape, cada grupo contando a sua história para o outro grupo. Depois de sair, o grupo de Apirape ficou andando junto com os Mani'ytywera. Ficaram andando pela mata, pela terra, até que acharam mais um grupo chamado Kawaro'i.

Diz que o grupo de Kawaro'i estava habitando no oco da árvore chamada *ywytãtyo*. Eles comiam o fruto *emoywã* e estavam varrendo embaixo da fruteira, deixando limpinho. Também dizem que caía muita fruta *emoywã*, aí dizem que bem cedo, eles saíam do oco de *ywytãtyo* para comer o fruto *emoywã*.

Depois que o pessoal do grupo Kawaro'i saiu todo, eles foram para a casa. Quando já haviam sido tirados três grupos, Mani'ytywera, Apirape, Kawaro'i, eles ficaram demorando muito tempo sem achar mais ninguém, até que novamente acharam o grupo de Kawaroo. Dizem que também o grupo de Kawaroo estava habitando dentro do oco de um pau. Aí dizem

que o pessoal chegou lá falando para eles saírem do oco do pau. Aí, eles saíram e ficaram junto com os outros.

Depois de achar os Kawaroo, o pessoal achou o grupo de Tawaopetywa. Dizem que o grupo de Tawaopetywa habitava embaixo da *tawaawa*². O pessoal foi tirar o grupo de Tawaopetywa bem cedinho, dizem que havia *tawaawa* em cima da casa dos Tawaopetywa. E depois eles tiraram com tranqüilidade.

Havia também o grupo dos Parany que habitava no final do rio Parany. Dizem que o pessoal achou esse grupo e, novamente, retirou as pessoas do rio Parany, trazendo-as para sua aldeia.

O grupo de Xakarepera também habitava no final do rio junto com Jacaré, “*Xakare*”. Até que o pessoal achou o grupo deles, mandou as pessoas saírem e novamente, as trouxeram para sua casa. Enquanto isso, os outros continuavam procurando outros grupos.

Até que acharam o grupo dos Awajky e eles estavam morando no fundo da terra “*Ywyroare*” também. E o pessoal os tirou também. Depois de acharem todos os grupos, o pessoal se reuniu para combinar a construção de uma aldeia redonda como um círculo.

Atualmente, nós estamos mantendo a regra da aldeia redonda circular.

Cada grupo que surgiu recebeu um nome para o seu grupo de Tataopãwa: Mani’ytywera, Apirape, Xakareperi, Kawaro’i, Kawaroo, Parany e Awajky. Esses são todos os grupos mantidos nos rituais de Tataopãwa até hoje.

² Tawaawa é um tipo de banana brava.